



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE-ULAN

◇ Lunda Norte ◇ Lunda Sul ◇

ESCOLA PEDAGÓGICA DO DUNDO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

---

**UM OLHAR SOBRE ENSINO DE LP EM ANGOLA: REFLEXÕES  
ACERCA DA CONJUGAÇÃO VERBAL NAS PROVAS DOS  
CANDIDATOS AOS CURSOS DA EPD/2019**

**Autor:**

Francisco Sérgio Manuel Mabiala

**DUNDO**

**2020**



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE-ULAN

◇ Lunda Norte ◇ Lunda Sul ◇

ESCOLA PEDAGÓGICA DO DUNDO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

---

**UM OLHAR SOBRE ENSINO DE LP EM ANGOLA: REFLEXÕES  
ACERCA DA CONJUGAÇÃO VERBAL NAS PROVAS DOS  
CANDIDATOS AOS CURSOS DA EPD/2019**

Trabalho apresentado à Comissão Científica do Mestrado em educação da Escola Superior Pedagógica do Dundo, para a obtenção do Título Académico de Mestre em Educação.

**Autor:** Francisco Sérgio Manuel Mabilia

**Tutor:** Prof. Dr. André Campos Mesquita

**DUNDO**

**2020**

## **Ficha Catalográfica**

Mabiala, Francisco Sérgio Manuel

Um olhar sobre ensino da LP em Angola: reflexões acerca da conjugação verbal nas provas dos candidatos aos cursos da EPD/2019

110f.

Inclui anexos.

Dissertação de Mestrado (Educação) – Escola Superior Pedagógica do Dundo da Universidade Lueji A'Nkonde. Mestrado em Educação. 2020

Orientador: Prof. Dr. André Campos Mesquita

1. Ensino 2. Reflexões 3. Conjugação Verbal.

## Folha de Avaliação

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Pedro Cláver Yoba  
Instituição: Universidade Lueji A´Nkonde/Angola  
Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. André Campos Mesquita – Orientador  
Instituição: Universidade São Paulo/Brasil  
Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Márcio Edu da Silva Undolo (ULAN)  
Instituição: Universidade Lueji A´Nkonde/Angola  
Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. João Muteteca Naege  
Instituição: Universidade Lueji A´Nkonde/Angola  
Julgamento: \_\_\_\_\_

## **Dedicatória**

Aos meus filhos:

Wilson;

Amaia;

Andreia

e Martins.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a Deus, pela vida e saúde.

À minha família, pela companhia, compreensão e manifestação de incentivo nos momentos menos bons.

Ao meu orientador, Prof. Dr. André Campos Mesquita, que a partir do momento em que foi solicitado para me ajudar a alcançar este objectivo não hesitou e com muita paciência, profissionalismo e acima de tudo amor pelo próximo soube guiar-me até ao fim.

Às Universidades, Lueji A´Nkonde e São Paulo/Brasil, à EPD e à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, ao grupo de professores e trabalhadores das mesmas que tornaram este, primeiro, mestrado da EPD possível.

Ao INAGBE, pela concessão de uma bolsa de estudo para Pós-graduação.

Aos colegas de formação e de serviço; a todos os anónimos que directa ou indirectamente prestaram o seu auxílio ao longo desta formação.

A todos, fica o meu eterno agradecimento!

## Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo fundamentar sobre o processo de ensino-aprendizagem da LP em Angola. O interesse em realizar esta pesquisa residiu em observar, apresentar e reflectir em torno do nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019. Para este estudo partimos do seguinte problema de pesquisa: Qual é o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019? Esta pesquisa mostrou que os candidatos aos cursos da EPD no ano académico 2019 apresentavam dois níveis de entendimento em relação à conjugação verbal, o primeiro tem a ver com a desconexão da conjugação verbal como um exercício e o segundo tem a ver com uso de verbos quer na escrita de textos ou discursos. A nossa pesquisa é de carácter diagnóstico, trabalhamos com um corpus de 189 testes de ingresso da EPD da ULAN, ano académico 2019 e ao longo dela usamos os seguintes métodos: estudo documental; observação, tabulação, análise percentual; contamos, igualmente, com o questionário e guião de observação como técnicas para colecta de dados. **Conceitos-chave:** Ensino; reflexões; conjugação verbal.

## **Abstract**

This research aims to substantiate the teaching-learning process of portuguese language in Angola. The interest in conducting this research was to observe, present and reflect on the level of verbal conjugation of candidates for EPD / 2019 courses. For this study we start from the following research problem: What is the level of verbal conjugation of candidates for EPD / 2019 courses? This research showed that candidates for higher education courses at EPD in the academic year 2019 had two levels of understanding in relation to verbal conjugation, the first has to do with disconnecting the verbal conjugation as an exercise and the second has to do with the use of verbs either in writing texts or speeches. Our research is of a diagnosis nature, we worked with a corpus of 189 entry tests of ULAN's EPD, academic year 2019 and throughout it we use the following methods: documentary study; observation and tabulation percentage analysis, we also have the questionnaire and observation guide as techniques for data collection. **Key-words:** Teaching; reflections; verbal conjugation.

## **Lista de Ilustrações**

Ilustrações de trechos das provas de ingresso/2019 da EPD.....	59
Ilustração de dados do material didático de LP do Ensino Primário (EP).....	64
Ilustração de informação dos materiais didáticos do II Ciclos do Ensino Secundário Geral e Profissional:	
Escola de Formação de Técnicos de Saúde da Lunda Norte (EFTSLN).....	69
Escola de Magistério do Dundo (EMD).....	71
Escola de Magistério do Lucapa (EML).....	72

## Lista de abreviaturas

<b>CES</b> .....	Ciclo do Ensino Secundário
<b>CPLP</b> .....	Comunidade dos Países da Língua Portuguesa
<b>EFTSLN</b> .....	Escola de Formação de Técnicos de Saúde da Lunda Norte
<b>EMD</b> .....	Escola de Magistério do Dundo
<b>EML</b> .....	Escola de Magistério do Lucapa
<b>EP</b> .....	Ensino Primário
<b>ES</b> .....	Ensino Superior
<b>EPD</b> .....	Escola Superior Pedagógica do Dundo
<b>IES</b> .....	Instituição de Ensino Superior
<b>L1</b> .....	Língua Primeira
<b>L2</b> .....	Língua Segunda
<b>LM</b> .....	Língua Materna
<b>LO</b> .....	Língua Oficial
<b>LP</b> .....	Língua Portuguesa
<b>LP1</b> .....	Língua Portuguesa 1 (cadeira do currículo escolar da EPD)
<b>LV</b> .....	Língua Veicular
<b>PA</b> .....	Português Angolano
<b>PB</b> .....	Português Brasileiro
<b>PE</b> .....	Português Europeu
<b>ULAN</b> .....	Universidade Lueji A'Nkonde
<b>VT</b> .....	Verbo Transitivo

## Índice

Introdução.....	13
CAPÍTULO I: Fundamentação Teórica sobre LP em Angola.....	23
1.1- Criação e Evolução do Ensino Superior (ES) em Angola.....	23
1.2- Ingresso no ES em Angola.....	25
1.3- Língua primeira (L1).....	26
1.4- Língua segunda (L2).....	28
1.5- Português: Língua Oficial em Angola.....	29
1.6- Português: Língua Veicular (LV) em Angola.....	30
1.7- Processo de Ensino-aprendizagem de LP em Angola: Metodologias de Ensino de LP em Angola .....	31
1.8- Situação actual do Ensino de LP nos Cursos da EPD.....	40
CAPÍTULO II: Metodologia de Trabalho.....	41
2.1- Caracterização da EPD.....	41
2.2- Metodologia.....	41
2.3- Tarefas de investigação.....	43
2.4- População e amostra.....	43
2.5- Hipóteses.....	44
2.6- Variáveis.....	44
CAPÍTULO III: Contextualização do Estudo.....	45
3.1- Verbo e a sua flexão.....	45
3.1.1- Número.....	45
3.1.2- Modo.....	46
3.1.3- Tempo.....	46
3.2- Estrutura do Verbo.....	47
3.2.1- Radical.....	47
3.2.2- Tema.....	47
3.2.3- Vogal Temática.....	47
3.2.4- Desinência.....	47
3.2.4.1- Tipos de desinência.....	48
3.2.4.1.1- Desinência Modo-temporal.....	48
3.2.4.1.2- Desinência Número-pessoal.....	48
3.3- Classificação dos verbos.....	48

3.3.2-	Quanto à flexão.....	48
3.3.2.1-	Verbos regulares e irregulares.....	49
3.3.2.2-	Verbos defectivos.....	49
3.3.2.2.1-	Verbos defectivos impessoais.....	50
3.3.2.2.2-	Verbos defectivos unipessoais.....	50
3.3.2.2.3-	Verbos defectivos pessoais.....	50
3.3.2-	Quanto à função.....	50
3.3.2.1-	Principais.....	51
3.3.2.1.1-	Transitivos.....	51
3.3.2.1.1.1-	Directos.....	53
3.3.2.1.1.2-	Indirectos.....	53
3.3.2.1.1.3-	Directos e indirectos.....	53
3.3.2.1.2-	Intransitivos.....	54
3.3.2.1.3-	Copulativos.....	55
3.3.2.2-	Auxiliares.....	55
3.3.2.2.1-	Para voz activa.....	56
3.3.2.2.2-	Para voz passiva.....	56
3.4-	Verbo ir.....	56
3.5-	Enunciado das questões do exame de ingresso/2019 da EPD.....	58
3.6-	Apresentação dos dados observados.....	59
3.6.1-	Informações obtidos a partir dos dados apresentados.....	60
3.6.1.1-	Primeira informação.....	61
3.6.1.2-	Segunda informação.....	62
3.7-	Dados do material didáctico de LP do Ensino Primário (EP) .....	64
3.7.1-	Informação do material didáctico de LP do EP.....	67
3.8-	Informação dos materiais didácticos II CES Geral e Profissional .....	67
3.9-	Informação obtida dos cadernos dos Técnicos Médios de algumas Escolas do II CES Geral e Profissional sedeadas na Província da Lunda Norte.....	68
3.9.1-	Liceu do Dundo.....	69
3.9.2-	Escola de Formação de Técnicos da Saúde da Lunda Norte (EFTSLN).....	69
3.9.3-	Escola de Magistério do Dundo (EMD).....	71
3.9.4-	Escola de Magistério do Lucapa.....	72

Considerações Finais.....	75
Breves sugestões.....	92
Referências.....	93
Anexos.....	97

## INTRODUÇÃO

O ensino de LP acarreta responsabilidades acrescidas no processo de ensino-aprendizagem em Angola, visto que a mesma desempenha uma dupla função. Por um lado é disciplina curricular como as demais e por outro, meio de comunicação na transmissão de conhecimentos no sistema de educação e ensino. Reflectir sobre a LP no contexto angolano é estar mergulhado num conjunto de posicionamentos de vários autores que podemos enquadrar em dois grandes blocos: o primeiro tem a ver com aqueles que a prestigiam e focam-se apenas em expor o seu conteúdo recorrendo ao dialecto padrão de Portugal, neste grupo estão a maior parte dos professores de LP, tanto no ensino geral e superior sendo que nem todos estão habilitados académica e cientificamente para a docência na língua/cadeira em questão. O segundo grupo, bastante reduzido, constituído, por professores-investigadores de LP formados em academias de letras e outros pelas escolas e institutos superiores vocacionados para a formação de professores de LP. A partir destes, muitas discussões e posicionamentos vamos ouvindo, sobretudo, no que tange aos caminhos ideais de ensino de LP em contextos multilinguísticos, também, caracterizados por plurilinguismo entre os habitantes nativos. De realçar que o segundo grupo, identifica-se muito com as abordagens sociolinguísticas.

Perante o quadro apresentado acima, reconhecemos que num ou outro momento nos identificamos num dos grupos, uma vez que o nosso quadro legal dos estudos linguísticos assim como a própria política linguística do Estado não apresentem, até ao momento, uma especificidade de ensino-aprendizagem de LP no contexto somente Angolano. As especificidades que, aqui, falamos, têm a ver com o ensino de LP que aborda os conteúdos da gramática (seja ela normativa ou generativa<sup>1</sup>) numa perspectiva sociolinguística. Entretanto, conscientemente, preferimos abraçar o segundo grupo, pois achamos reflectidos nele tendências de aceitação, reconhecimento e discussão sobre a LP no contexto do mosaico etnolinguístico de Angola.

A tendência da nossa demarcação ao primeiro grupo surge pelo facto de terem ideias na maior parte das vezes de certo-errado, sem que tenhamos a possibilidade de questionar nem discutir os factores implícitos que causam desvios considerados erros na gramática normativa. Essa visão é a dos professores de LP e linguistas que

---

<sup>1</sup> Aitchison (1993), baseando-se em Chomsky “as regras interiorizadas por uma pessoa; quer, por outro lado, para referir as hipóteses que o linguista constrói acerca destas regras” Cf. Undolo (2020, p. 23)

tomam a língua como uma forma de expressão do pensamento. Acreditam que quanto maior o grau de proficiência na língua escolar, melhora a capacidade de raciocínio do estudante. Essa é mais uma visão da lógica formal do que da linguística. Para Saussure (2014 apud SEVERO, 2013, p.83) “o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional”.

Aristóteles concebia a linguagem como uma expressão do pensamento e um modo de se falar sobre a realidade. Esse tipo de visão vai opor-se a concepção interacionista da linguagem que toma a língua como objeto autônomo sem interferência social e sem interferência da história, desconectada da realidade em que os estudantes vivem. Nós preferimos entender a linguagem como uma forma ou um processo de interação, em vez de uma expressão do pensamento; essa concepção da linguagem toma a língua não apenas como uma maneira de traduzir, exteriorizar, ou organizar o pensamento, também não toma linguagem como um conjunto de códigos que visam transmitir informações de uma pessoa para outra. Dentro dessa perspectiva, a linguagem propõe-se a actuar sobre o interlocutor.

Com base na concepção interacional ou dialógica da língua, os sujeitos deixam de ser uma parte na estrutura da língua e passam a ser vistos “como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”. A linguagem escolar nesse caso é vista como uma das variantes linguísticas que não tem nenhuma superioridade em relação às demais.

Quanto aos objectivos de ensino de LP, aprez-nos enfatizar as considerações feitas por Libâneo (2006, p. 45) ao dizer que,

O ensino da Língua Portuguesa tem como principais objectivos: a aquisição de conhecimentos e habilidades da leitura e escrita; o desenvolvimento de habilidades e capacidades de produção e recepção de mensagens verbais, em diferentes situações da vida quotidiana; a compreensão e a valorização das variedades dialectais da língua. O ensino do Português é uma das mais importantes responsabilidades profissionais do professor, pois é condição para aprendizagem das demais disciplinas, além de ser instrumento indispensável para a participação social dos indivíduos em todas as esferas da vida: profissional, política, cultural.

O Governo de Angola, por intermédio da rede escolar existente no país, deve criar condições adequadas de ensino, falamos principalmente de reestruturar melhor

os programas, apetrechar as escolas tanto de ensino geral como de nível superior, formar professores qualificados para todos os níveis de ensino, entre outras. Nessa mesma linha de pensamento debruça Dionísio (2000 apud SILVA, 2011, p. 6) que,

A escola fortemente marcada pelos objectivos e práticas que promove dada a sua natureza institucional, continua a ser “o lugar social privilegiado de acesso à leitura” à qual “se exigem práticas congruentes com as práticas sociais”. Por isso, “a escola pode e deve ser olhada em termos dos contextos de leitura em, que introduz os alunos, dos sentidos em que os familiariza, quais ignora, que estilos estimula, que valores, hábitos e atitudes promove.

As nossas escolas do ensino geral carecem de tudo um pouco, estamos a falar de professores especializados para atender a demanda que se impõe, as infra-estruturas equipadas com bibliotecas, parques infantis, cantinas, pátios, salas de aulas equipadas eficientemente para um processo de ensino-aprendizagem que apraz tanto o professor como os alunos.

Nesta linha de pensamento Hungulo (2019) apresenta-nos uma versão dizendo que

Até então, as escolas actuais funcionam como meros centros de transmissão do saber sem olhos na qualidade do estudante que se forma, porque obedecem normas de formação voltadas para a formação de estudantes em números, a pergunta quantos aprovaram? É o factor chave que desdenha a formação do angolano hoje, há mais olhos pelo número dos aprovados do que pela qualidade do aprovado, o quanto não importa, o que importa é o como aprovaram, quantos podem ser cem ou até mil, só que muitos desses aprovam pagando professores, outros comprando provas, outros ainda colocando alguém a distância a fazer a prova pelo telemóvel e a enviar as respostas pelo whatsapp, outros contratam fazedores de provas como verdadeiros mercenários, que os substituem no acto da realização de provas, de então quem olha para o número, olha para a verdadeira desgraça do ensino. O problema em muitas instituições Universitárias é que o número de aprovados as permite a atracção fabulosa de mais recursos à medida que traz o afluxo de gente que odeia o rigor à tais universidade o que transforma essas universidades em meros centros de ensino em número. Incluindo o ódio à professores com rigor que

acabam expulsos por darem negativas à gente isenta de esforço na conquista do saber.

Deve-se trabalhar para uma escola atractiva aos alunos, sobretudo, os do ensino primário, pois esses precisam ter uma cultura, ou seja, uma paixão enorme de estar na escola mais tempo, por outro, no incentivo que lhes devem ser inculcados em consultar sempre às bibliotecas e passarem a desfrutar as variadíssimas obras de diversos géneros que as mesmas possuem. Pensamos que desde muito cedo, ou seja, tão logo a criança seja capaz de descodificar a informação por meio da escrita, deveria aos poucos estar emerso no mundo dos textos, claro, o volume ou tamanho deve ser levado em conta pela classe bem como pela idade da criança. Esta reflexão coube-nos pelo facto de a didáctica especial de LP recomendar que os conteúdos gramaticais e os verbos não são uma excepção, sejam ensinados recorrendo a linguística textual. Portanto, por linguística textual Moreira (2014) apud Buca (2018, p. 40) diz que é

ramo da ciência da linguagem que visa o texto como unidade máxima de análise linguística. Em vez de considerar a palavra ou a frase como unidade máxima de análise linguística, interessa-se pelo texto enquanto forma específica de manifestação da linguagem, que é não apenas conexão linear de frases ou unidades reproduzidas numa estrutura frásica, mas um todo orgânico que tem, igualmente, em conta aspectos funcionais da língua como os actos da fala e as intenções comunicativa.

Em LP, a conjugação verbal ocorre para traduzir uma acção praticada ou uma ideia proferida ou um fenómeno provocado, intencionalmente ou não por um agente. Essa acção, ideia ou fenómeno é manifestado por meio de uma palavra falada ou escrita. O seu ensino está voltado para o aumento da produção e reprodução de vocábulos utilizados numa determinada língua, em que a LP não foge a regra. Pela sua relevância Em LP, os conteúdos da conjugação verbal, nas suas diversas tipologias, encontram-se refletidos nos programas e manuais da maioria das classes dos quatro níveis de ensino de Angola.

A aprendizagem e desenvolvimento do nível de compreensão dos conteúdos gramaticais no geral e da conjugação verbal em particular, dependem não só das oportunidades que o Estado venha a proporcionar, mas, também, no saber fazer das coisas que o docente deve empregar no exercício das suas actividades. O professor deve estar preparado para seguir uma metodologia e improvisar quando necessário.

Quanto ao imprevisto, dá-se o problema quando o professor está despreparado e vê-se obrigado a recorrer ao imprevisto todo o tempo.

### **Justificação da pesquisa**

Interessou-nos fazer esta pesquisa para se ter uma visão mais clara do nível de conjugação verbal dos candidatos à EPD/2019. A partir da observação prévia que vínhamos fazendo há três anos, desde que fomos seleccionados para monitores (2016) dos alunos, já, a estudar na EPD, do 1º ao 5º ano, entendemos que seria necessária ter uma ideia mais aprofundada sobre o nível de conjugação verbal dos candidatos. Outro dado que podemos aqui realçar é o valor que se dá, até agora, à LP para o ingresso na EPD que é de 50% ficando os outros 50% para a disciplina da especialidade de cada curso, mas que este mesmo valor não é reflectido ao longo da formação, uma vez que a LP só é leccionada nos 1º e 2º anos, o que não acontece com as cadeiras de especialidade que vão até ao final do curso. Portanto, é necessário saber como os estudantes, futuros professores, entram na EPD quanto ao nível da conjugação verbal, uma vez que, durante a sua formação serão submetidos, várias vezes, a exercícios (provas) em que a conjugação verbal estará sempre presente.

Através do baixo nível de compreensão, não apenas, da conjugação verbal, mas de LP nas outras vertentes, leitura, escrita e oralidade, faz com que pessoas de todos os extractos sociais vão mostrando a sua indignação perante a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e, as reclamações, tratando-se do ensino superior (ES), parece-nos ainda muito mais preocupante quando Adalberto (2017), num trabalho jornalístico, traz o parecer de Eduardo Peres Alberto, Secretário-Geral do Sindicato dos Professores do ES, que é da seguinte opinião:

Refiro-me do ensino primário até ao ensino secundário. Este subsistema, de facto, enfrenta problemas graves, com a reforma deficiente a que o subsistema foi obrigado". Para o sindicalista, o Estado angolano falhou na definição das prioridades e políticas no sector da educação: "Houve erros graves, porque nós sempre defendemos que para o ensino superior há três práticas essenciais: o ensino, a investigação científica e a extensão universitária.

Ao longo deste trabalho, sobretudo na observação realizada, pretendemos demonstrar que muitos alunos têm concluído os seus estudos sem preencherem muitos requisitos exigidos no perfil de saída sobre o domínio de alguns conteúdos gramaticais como a conjugação verbal, isto é, no II Ciclo do Ensino Secundário, levantando muitas dúvidas sobre a eficácia ou ineficácia das metodologias que têm

sido adoptadas para o ensino-aprendizagem de LP no nosso país. Como monitores há três anos na EPD da ULAN (2016-2019), temos assistido a um cenário quase inexistente noutras paragens, referimo-nos de muitos estudantes, para não dizer a maioria, que nunca adquiriram nenhum manual específico do curso que frequentam, alguns de facto, por falta de condições, outros por falta de interesse em adquiri-los, entretanto o episódio é, ainda, mais alarmante quando há biblioteca que passa, muitas vezes, despercebido para os mesmos. É de realçar ainda que os péssimos professores para esses estudantes são aqueles que nunca lhes fornecem fascículos resumidos de conteúdos programados, o que nos tem vindo a preocupar, pois esta forma de encarar as coisas tem vindo a piorar.

Pensamos que não é possível um estudante que queira crescer e evoluir académica e cientificamente tendo exclusivamente como fonte das suas informações o professor ou doutor (como habitualmente são tratados os docentes). Pensamos que um estudante deve ir além do professor, isto é, explorar no máximo as suas próprias potencialidades por meio de leituras e investigações sistemáticas orientadas por alguém mais experiente, neste caso, o professor.

Para esta pesquisa apresentamos o seguinte tema para a nossa dissertação: Um olhar sobre ensino de LP em Angola: reflexões acerca da conjugação verbal nas provas dos candidatos aos cursos da EPD/2019.

### **Conceitos-chave**

No entender de Aristóteles citado por Zassala (2003, p. 93) percebemos que, “a linguagem torna-se mais clara e precisa graças ao uso das definições”. Para o desenvolvimento da nossa dissertação contaremos os seguintes conceitos-chave:

**Ensino:** de acordo com Libâneo (2006, p. 23) “corresponde a acções, meios e condições para a realização da instrução”. No contexto da sala de aula, o ensino é a actividade exercida pelo professor com a finalidade de passar conhecimentos aos alunos, neste âmbito, ele deve ser consciente e sistematizado. Nesta linha de pensamento, concernente ao ensino de LP, parafraseando Fonseca (1994) na sua dissertação, Buca (2018, p.40) diz que “a aula de Língua Materna [e de não Materna] não é mais um lugar em que se realiza a actividade linguística, é um espaço específico da conscientização e treino intencional dessa actividade”. O autor ainda continua ao sublinhar que “estes pressupostos implicam a consideração do texto como um espaço específico desta consciencialização linguística [...], a linguística textual defende o texto como mais global e profícuo em que uma língua, materna ou não, deve, ser

reflectida e analisada para que se tirem os maiores benefícios da actividade da linguagem nas aulas de LP”.

A actividade de ensinar recai sobre o professor, este trabalha e conta com apoio de outros intervenientes, em que o mais directo é o aluno, que tem a missão de aprender e/ou assimilar os conhecimentos que lhe são partilhados pelo professor, fazendo com que o ensino e a aprendizagem se constituam num processo inseparável, actualmente entendido como processo de ensino-aprendizagem. Portanto, nesta vertente, dispensa-se a ideia de que o professor seja o detentor do conhecimento e o aluno seja, apenas, um mero receptor de tudo quanto lhe é dito e dirigido pelo professor. A didáctica e metodologia vão comungando da ideia de que o ensino no cômputo geral deva visar a uma aprendizagem significativa. Pela aprendizagem Pilet (2004, p. 31) diz que “é um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir”. Portanto, ela passa a ser significativa quando o professor exerce a sua actividade partindo dos conhecimentos que os alunos já trazem. Sobre isso, convém destacar Ausubel, Novak & Hanesian (1968) apud Silva (2020) que dizem que a teoria de aprendizagem significativa

descreve o comportamento teórico do processo de aprendizagem cognitiva, a partir do raciocínio dedutivo do sujeito, baseado em seu conhecimento prévio. Ou seja, como o indivíduo aprende à medida que novos conhecimentos são incorporados em suas estruturas cognitivas, a partir dos conhecimentos prévios relevantes, integrando novas informações em um complexo processo pelo qual aquele que aprende adquire conhecimento.

Olhando para questões do ensino de LP, pensamos que o professor deveria guiar-se em bases sociolinguísticas para que as informações a partilhar aos alunos tenham bases sobre aquilo que eles sabem e falam na LP, visto que uma das finalidades do ensino de uma língua passa por fomentar as competências linguística e comunicativa. Por competência linguística, Ferraz (2006, p. 101), “desenvolvimento linguístico que permite ao sujeito resolver problemas de recepção e produção oral e escrita” e por competência comunicativa, Monteiro et al. (2013, p. 113) recorrendo as ideias do linguista norte americano Chomsky (1957) dizem que é “à aptidão que os falantes de uma língua têm para produzir e compreender um número ilimitado de frases inéditas”. Portanto, os mesmos autores apresentam, igualmente, a ideia de Hymes (1972) sobre o esta temática ao dizer que a competência comunicativa “está

relacionada com a capacidade de agir eficazmente numa determinada situação”, (idem).

Em ambientes formais de ensino-aprendizagem, “deve priorizar-se este tipo de competência, na medida em que propicia conhecimentos mais significativos e práticos dos usos linguísticos, ou seja, concede aos alunos conhecimento de causa nos distintos contextos comunicativos” Buca (2018, p. 47). Pensamos que, tanto a competência linguística, como a competência comunicativa devem constituir-se num dos principais focos do trabalho desenvolvido pelo professor da disciplina de LP, não descurando a questão da diversidade linguística assim como as diferentes vertentes em que ela (LP) é usada em Angola. (ver I capítulo).

**Reflexões:** Segundo o dicionário de LP da Porto Editora (2011), a palavra reflexão provém do termo latino (*reflexio*). Dentre os conceitos apresentados, revim-nos no da filosofia que “é o processo de meditar ou de considerar algo de forma profunda”. No nosso trabalho, o termo reflexões não obstante a frequência da sua utilização, achamos ser um dos conceitos-chave pela acção que a mesma denota, atendendo ao exercício de análise dos dados para produzir as informações necessárias, sobretudo no III capítulo deste trabalho.

**Conjugação<sup>2</sup> verbal:** Diferentes formas que um determinado verbo vai variando, apresentando outras palavras, com ou sem o mesmo radical que na morfologia se designa de formas do verbo e que na sintaxe as formas verbais não nominalizadas desempenham funções de predicado, por denotarem aquilo que tradicionalmente se designa de acção praticada, sofrida ou atribuída ao sujeito.

## **DESENHO TEÓRICO**

### **Problema de pesquisa**

Qual é o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019?

### **Objecto de estudo**

Compreensão sobre a assimilação dos conteúdos ministrados na disciplina de LP nos ciclos anteriores ao ES por parte dos candidatos aos cursos da EPD/2019.

---

<sup>2</sup> Ver mais dados sobre a conjugação verbal no III capítulo: contextualização do estudo.

## **Campo de acção**

Nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019.

## **Objectivos**

### **Objectivo geral**

- 1- Fundamentar sobre o processo de ensino-aprendizagem de LP em Angola.

### **Objectivos específicos**

- 1- Observar dados que apontem o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019.
- 2- Apresentar a situação actual da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019.
- 3- Reflectir em torno do nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019

O trabalho desenrola-se em **três capítulos** que, a seguir, passamos a apresentar:

O **primeiro capítulo** aborda a fundamentação teórica sobre a LP em Angola. Aqui, abordamos a criação e evolução do ES em Angola, ingresso no ES em Angola, apresentados os conceitos de L1, L2, LO e LV com a finalidade de enfatizar que a LP desempenha essas funções. Abordamos, também, o processo de ensino-aprendizagem da LP e as metodologias aplicadas para o seu ensino em Angola, finalmente, apresentamos a situação actual do ensino de LP nos cursos da EPD.

O **segundo capítulo** apresenta a metodologia usada para elaboração do trabalho, começando com a caracterização da EPD (local onde desenvolvemos a pesquisa), os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, tarefas de investigação, população e amostra, hipóteses e as variáveis.

O **terceiro** (e último) **capítulo**, contextualização do estudo, é resultado do trabalho de campo, onde observamos dados que apontem o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019. Somos a realçar que dos dados observados não faziam referência somente à conjugação verbal, mas por esta apresentar maior número de ocorrências que consideramos desvios, cingimo-nos nela. Ainda neste capítulo, fizemos uma abordagem sobre os verbos, apresentando, algumas características do verbo ir pelo facto de ser o elemento com mais desvios nas provas de ingresso/2019 da EPD. Apresentamos os resultados observados em espécie de descrição. A descrição a que nos referimos, aqui, é no sentido de apresentar os dados tal como foram observados e, conseqüentemente, produzimos

informações com base na nossa observação. Recorreremos aos materiais didáticos, manuais, cadernos e programas do ensino primário, I e II ciclos com a finalidade de vermos a exposição, a metodologia usada no ensino dos verbos assim como a relevância atribuída a esta temática.

## **CAPÍTULO I: Fundamentação Teórica sobre a LP em Angola**

Sendo a fundamentação teórica um processo de esclarecimento do pensamento dos autores, mediante conceitos, termos e confronto de diversos autores que já publicaram ou trataram acerca do tema em estudo, cingimo-nos nela com a mesma finalidade. Olhando para o objecto assim a nossa população, conveio-nos abordar primeiramente a criação do ES em Angola e os caminhos trilhados até ao momento, embora, seja numa forma não muito detalhada.

### **1.1- Criação e Evolução do ES em Angola**

Angola é um país que foi explorado e saqueado durante vários séculos pelo regime colonial português. O direito à educação e ensino foi negado para a maioria dos seus cidadãos; essa foi uma das formas encontradas pelo regime colonial para melhor alcançar os seus mais bárbaros objectivos. Mesmo assim, houve sempre quem pensasse em quebrar os seus ditados, tendo em Angola um número considerável de cidadãos portugueses e concomitantemente seus descendentes, alguns destes com ideias nacionalistas que cresciam vertiginosamente. O então governo colonial ainda antes da independência nacional pensou em dar início ao ensino superior em Angola como forma de apaziguar o êxodo populacional de Angola a Portugal, como frisa Carvalho (2018, p. 248) “O ensino superior foi implantado em Angola (então colónia portuguesa) somente no ano de 1962, com a criação dos Estudos Gerais Universitários de Angola”, e, de acordo com o mesmo autor, através da criação dos Estudos Universitário de Angola apenas três localidades do território angolano foram beneficiadas: Luanda com cursos no ramo de medicina, ciências e engenharias, Huambo (então Nova Lisboa) com agronomia e veterinária e Lubango (então Sá da Bandeira) com letras, geografia e pedagogia.

A maioria dos cidadãos, como já dissemos, era privada de acesso à educação e ensino. Entrar na universidade, naquele tempo, era autorizada por parte do governo colonial, portanto, aqueles que gozavam de certa influência no aparelho do estado colonial eram privilegiados: portugueses funcionários residentes e os negros que naquela altura eram vistos ou mesmo considerados de assimilados, com finalidade única de que houvesse uma sucessão dos ideais coloniais, como realça Teta (s/d, p. 31) fazendo uma abordagem da finalidade do regime “O ensino era virado para a promoção da população colonial e para a defesa dos interesses do regime, com base no desenvolvimento económico de Angola, assente nos pressupostos técnico-científicos”.

O ES não estagnou, daí que, os Estudos Gerais Universitários de Angola passaram para Universidade de Luanda em 1968. Um ano depois a proclamação da independência nacional, isto é, em 1976, a Universidade de Luanda passou a ser designada de Universidade de Angola, mantendo esta designação até 1985, quando em gesto de homenagem ao seu primeiro Reitor passou a ser chamada de Universidade Agostinho Neto, nome que permanece até aos dias de hoje.

De frisar que, a Universidade Agostinho Neto era a única instituição do ES a ministrar cursos superiores até ao ano de 1998, quando a Universidade Católica em 1999 começa, também, a ministrar cursos superiores. Até ao ano de 2009 a Universidade Agostinho Neto continuava a única estatal com esta missão, mas nesse mesmo ano, através das suas distintas dependências em várias províncias do território nacional, foram criadas outras seis universidades públicas, destacadas por regiões académicas, a saber de acordo com Carvalho (2018, p. 249):

- Benguela – Universidade Katyavala Bwila (atua nas províncias de Benguela e Kuanza-Sul);
- Cabinda – Universidade 11 de Novembro (Cabinda e Zaire);
- Dundo – Universidade Lueji-a-Nkonde (Luanda-Norte, Lunda-Sul e Malanje);
- Huambo – Universidade José Eduardo dos Santos (Huambo, Bié e Moxico);
- Lubango – Universidade Mandume ya Ndemofayo (Huíla, Cunene, Kuando-Kubango e Namibe);
- Uíge – Universidade Kimpa Vita (Uíge e Kuanza-Norte).

Eis a seguir, segundo Victorino et al. (2012, pp. 59, 60), os normativos jurídicos do historial da Universidade pública em Angola, começando mesmo na era colonial até aos nossos dias:

- 1962 - Portaria nº 44530/62- cria os Estudos Gerais Universitários de Angola;
- 1968 – Decreto-lei nº 48790 transforma os Estudos Gerais Universitários de Angola para Universidade de Luanda;
- 1976 - A Universidade de Luanda passa para a Universidade de Angola com a portaria nº 77 - A/76;
- 1985 - A Universidade de Angola passa a Universidade Agostinho Neto, Diário da Republica nº 9, I Série;
- 2009 - Decreto nº 7/09 Cria as Regiões Académicas.

## 1.2- Ingresso no ES em Angola

O ingresso a um estabelecimento de ES em Angola para frequentar um curso de graduação é um sonho realizável facilmente se o candidato ou a família estiver munido de recursos financeiros para dar cobro as exigências; isto se for para uma instituição do ensino privado, mas se for para uma instituição pública o ingresso torna-se um sonho por mais tempo para a maior parte dos concorrentes, visto que a demanda tem aumentado vertiginosamente em detrimento da pouca oferta de vagas que temos registado.

Um outro dado que nos é importante a realçar quanto ao acesso/ingresso ao ES em Angola são as dificuldades de orientação que muitos dos adolescentes encontram, visto que em muitos casos há sempre rupturas entre os cursos do ensino secundário e os pretendidos no ES. Dificuldades essas que começam já nos testes de ingresso e depois que ingressarem, obviamente vão surgindo problemas de várias ordens por conta da ruptura. Apesar de que as nossas instituições não possuem departamentos vocacionados à orientação profissional para os alunos ingressantes, não somente do ensino médio ao ES, mas para tantos outros subsistemas que a nossa lei<sup>3</sup> bases do sistema de educação e ensino faz referência. Sagardoy (1992 apud COLUMBIÉ & YOBA, 2018, p. 51) dizem que,

O educando necessita sempre de orientação, ainda que não o manifeste, cabendo ao professor entender o carácter processual, sistemático, dinâmico e contínuo da OPV<sup>4</sup>, tanto para o indivíduo quanto para o grupo [...], a orientação profissional não significa dar conselhos pragmáticos; há que dedicar-lhe todo o entusiasmo, saber e recursos, colocar em cima da mesa todas as portas que podem abrir-se e seus possíveis entraves, ser honestos e permitir que, no final, os alunos pratiquem a sua liberdade individual.

Portanto, já nas últimas classes do ensino médio, os professores, pais e encarregados de educação entre outros têm o dever de direcionar ou redirecionar os jovens e adolescentes nas suas escolhas aos cursos para o ES, de modo a haver uma continuidade e aprofundamento dos saberes já adquiridos.

Há um tempo para cá, a seleção dos candidatos ingressantes ao ES era feito por preenchimento das vagas disponibilizadas em cada uma das instituições, isto é,

---

<sup>3</sup>Lei nº17/16 de 7 de Outubro - Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, que estabelece os princípios e as bases gerais do Sistema de Educação e Ensino. Alterado pela lei 32/20 de 12 de Agosto.

<sup>4</sup>OPV: Orientação Profissional – Vocacional.

começando dos alunos com notas mais altas, não importava que fosse positiva ou negativa, fazia-se uma seleção decrescente até que se conseguisse atingir o número limite das vagas disponibilizadas.

Entretanto, com o objectivo de maximizar a qualidade do ES, o Decreto Presidencial nº 5/19 de 8 de Janeiro, aprova o Regulamento Geral de Acesso ao ES. No Seu ponto 2 do Artigo 6º estabelece que “a candidatura ao exame de acesso a determinado curso deve obedecer, em regra, à relação entre o curso a que se candidata, e a área correspondente do Ensino Secundário”.

E nos pontos 1 e 2 do Artigo 17º estabelece que,

1. A nota mínima a que se refere a que se refere a alínea b) do artigo anterior é fixada em 10 (dez) valores, na escala de 0 a 20 valores, para todos os cursos ou domínios científicos.
2. Sem prejuízo do disposto no número anterior do presente artigo, as Instituições de Ensino Superior podem propor, anualmente, para cada curso, a nota mínima de acesso.

Após a publicação dos exames de ingresso já no mês de Fevereiro (2019), houve um alarme, sobretudo nas Instituições de ES públicos, através dos péssimos resultados alcançados pelos ingressantes, tal como se fosse algo novo. Sinceramente, a nós nada era novo, pois desde o ano de 2016 que vínhamos observando os mesmos resultados e nenhum alarme soava porque a seleção era feita, tal como atrás frisámos, com base na nota mais alta que nem sequer era necessário ser positiva, o mais importante era preencher as vagas disponibilizadas. Mais do que admitir ou preencher as vagas disponibilizadas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), é importante recorrermos ao conceituado Professor Universitário há vários anos em Angola e nos outros países da lusofonia, Silva (2016, p. 226) quando afirma que “a admissão de bons candidatos gera, à partida, bons alunos e que estes acabam por determinar a qualidade da instituição”. Se nesse quesito, observar e/ou incrementarmos o espírito de investigação e extensão universitária a toda a comunidade académica tanto para as IES públicas como as privadas a nível de todo o país, provavelmente o país venha aos poucos a sair da excessiva dependência das exportações de bens e serviços.

A LP em Angola, para além de ser a Língua Oficial, também é usada como Língua Primeira (L1), Segunda (L2) e Veicular (LV). Passamos a explicar estes termos.

### 1.3- Língua primeira (L1)

Tem esta designação toda a língua que um indivíduo adquire ainda no berço. A L1 também pode ser designada como Língua Materna (LM), muito pela presunção que se faz da relação existente entre a mãe e o filho, ou seja, o filho estando lado a lado com a mãe acaba sempre de se comunicar na língua usada frequentemente por esta. Nesta linha de pensamento, Ferraz (2006, p. 20) diz que, “a metáfora língua materna remete-nos, em definitivo, para a mãe, porque é a voz dela que supostamente a criança primeiro ouve, daí, talvez, a designação língua primeira com que é também referida”. Debruçando sobre a língua materna Spinassé (2006, p. 5) vai muito mais além ao dizer que

A Língua Materna, ou Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1.

Exemplificando a ideia da citação acima, somos a dizer que uma criança nascida em Angola de pai canadiano (da província de Ontário) e mãe belga (da província de Liège) e que nas relações que esses vão mantendo com ela, cada um usando a sua língua, nesse caso, inglês e francês respectivamente, essa criança vai ter duas L1, inglês e francês e se a mesma estiver a frequentar, por exemplo um jardim-de-infância, em Angola, obviamente estaria no processo de aquisição de uma outra língua que é ao LP, fazendo com que venha a ter três L1, inglês, francês e LP.

A L1, inicialmente, passa simplesmente pelo processo de aquisição na oralidade, mas a partir do momento que as crianças começam a entrar em contacto com a escrita, sobretudo na escola, ela (L1) passa progressivamente para o processo de aprendizagem, porque neste último, segundo Ferraz (idem) a aprendizagem da L1:

- desencadeia processos cognitivos;
- facilita a aprendizagem de línguas estrangeiras;
- propicia o auto-conhecimento;
- alarga o conhecimento do mundo;
- facilita o relacionamento com os outros;

permite o acesso à informação, à cultura;  
possibilita o sucesso social e no trabalho.

A LP em Angola destaca-se também pelo papel que desempenha que é da Língua Segunda L2 como, a seguir, passamos a debruçar.

#### **1.4- Língua Segunda (L2)**

Entende-se por L2 aquela que um indivíduo venha a adquirir ou pelo processo de aquisição ou pelo processo de aprendizagem, com finalidade de se comunicar com os seus semelhantes, tendo sido já consolidada o uso de uma outra língua, neste caso, L1. Entretanto, os países que possuem uma única língua, a L2, obviamente é vista também como língua estrangeira. O caso de Angola, o estatuto de L2 é maioritariamente ocupado pela LP, sobretudo nas zonas rurais, onde há predominância das línguas autóctones de origem bantu. De realçar que em muitas dessas zonas, a LP, para muitas crianças ingressantes na escola primária passa ser um problema sério, uma vez o ensino passa por ela e acabando por colidir com a língua que traz de casa.

Referindo-se a LP como L2 no contexto angolano, Naege (2015, p. 23) diz que, “a escola deve apropriar-se das peculiaridades que cada aprendente traz da matriz específica da língua materna, transformando-as e enriquecendo-as para que não se constituam em dificuldades, mas sim em possibilidades que permitam arranjos metodológicos para o ensino e a aprendizagem de uma língua”.

Para Richards (1987 apud LEIRIA, 1999, p.7) “o termo segunda língua [...] tem sido cada vez mais usado em linguística aplicada para referir a aprendizagem de qualquer língua depois da primeira, independentemente do estatuto dessa língua em relação a quem a aprende ou ao país em que essa língua está a ser aprendida”.

Podemos reter, segundo Spinassé (2006, p. 6) que,

Uma segunda língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade. A aquisição de uma segunda língua e aquisição de uma língua estrangeira LE se assemelham no fato de serem desenvolvidas por indivíduos que já possuem habilidades linguísticas de fala, isto é, por alguém que possui outros

pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1.

A realidade angolana é marcada por situações de plurilinguismo, em que para muitos indivíduos, sobretudo, das zonas periféricas, fica difícil de afirmar com exatidão a sua L1 e/ou a L2, porquanto o processo de aquisição tenha passado simultaneamente entre a língua que, neste momento, podemos dizer é a sua L1 e a outra que é a sua L2.

### **1.5- Português: LO em Angola**

Designa-se por LO aquela escolhida e tomada por um Estado para a difusão em todos os sectores do seu território, sobretudo no ensino e na administração pública, adoptada e utilizada também nas relações internacionais ao mais alto nível pelos órgãos de soberania do Estado.

Segundo Miguel (2014, p.12):

no momento da colonização, a grande maioria das línguas africanas eram ágrafas. A inexistência de textos escritos pelos africanos nas suas línguas originou a catalogação do continente como incivilizada, sem história, sem cultura [...] as reacções às legislações que vedavam o ensino em línguas africanas foram diversas: os pais esforçavam-se para que os filhos adquirissem a cultura e a língua do colonizador, pois só assim lhes seria permitida a ascensão na escala social.

Diante da realidade acima, juntando os cinco séculos de colonização portuguesa em Angola, não se poderia esperar estratégia a favor da inclusão das línguas africanas no sistema nacional de ensino após a independência do país em 1975. Aliás de acordo com Panzo (2014 apud UNDOLO, 2016, p.56) referindo-se à adopção da LP como a Oficial, diz que,

pesou na escolha do português como língua oficial após a independência o facto de as demais línguas angolanas possuírem uma zona de difusão circunscrita, limitando-se cada uma delas a um determinado ponto do território nacional – o que, por si só, constituiria um obstáculo à unidade nacional. Assim, a solução passou pela escolha de uma língua que não rivalizasse com os valores de cada uma das etnias em contexto, sendo, no caso, a LP. Sendo língua de ninguém, a LP podia ser a língua de todos.

O contexto da altura foi oportuno ao se tomar a decisão de que a LP fosse a LO e achamos que isso é inquestionável, porquanto as demais línguas dos grupos

étnicos angolanos não terem elementos estruturados de modo que pudessem ser utilizadas no sistema de ensino a nível nacional. Mas também o excesso de tratamento dado à LP fez com o estudo das outras línguas fosse colocado ao lado por muito tempo, esquecendo ou ignorando a realidade que muitas localidades apresentavam de a maioria das crianças enfrentarem sérios problemas de enquadramento nos primeiros anos de escolaridade pelo facto de a língua de convivência familiar ou social não ser a LP. De realçar que estas mesmas crianças hoje são jovens e adultos nos mais variados níveis de ensino com níveis de compreensão e produção na LP não corresponderem às exigências das classes que frequentam.

### **1.6- Português: LV em Angola**

Aquela que facilita intercâmbio comunicacional entre indivíduos bilingues, plurilíngues ou não. Um exemplo que se pode dar para uma LV é o dos expatriados de diferentes nacionalidades, americano, chinês ou francês, bilingues, plurilingues ou não, tendo cada um a sua língua e encontrando-se a residir e/ou a trabalhar em Angola, são obrigados a seleccionar a língua mais viável para as suas relações entre eles e entre os angolanos, portanto essa língua seleccionada pelo grupo, que pode ser português ou não, passa a ser a LV. “Designa-se por língua veicular aquela através da qual uma população plurilingue comunica entre si nas suas relações interpessoais, sociais e comerciais, essencialmente” Undolo (idem).

### **1.7- Processo de Ensino-Aprendizagem de LP: metodologias aplicadas em Angola**

O ensino de LP deve ser considerado como meio de comunicação, como um instrumento de trabalho através do qual os alunos desenvolverão habilidades e conhecimentos. O ensino eficaz de LP no nosso país é uma responsabilidade de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, pois, ela assume um papel importantíssimo não só dentro do sistema de ensino, mas em toda a sociedade, porque é utilizada como LO, L1/LM, L2 e LV. Elevar o nível de todo o processo de ensino-aprendizagem em Angola passa necessariamente por melhorar as metodologias de ensino-aprendizagem de LP.

Apesar de estarmos já a caminho de cinco décadas desde o alcance da independência nacional, quanto ao ensino de LP contextualizada à realidade angolana, fizemos muito pouco no que tange às políticas e planeamento linguísticos, referimo-nos precisamente da necessidade de ver e/ou ensiná-la como L1 ou como L2 e não como se vemos, actualmente, apenas como L1, esquecemo-nos ou até

mesmo ignoramos que muitas crianças para além de não a saberem falar fluentemente a têm como L2.

A partir desse pressuposto vamos prolongando um mal que deveríamos já ter neutralizado. No nosso país, temos problemas sérios de letramento em LP em todos os níveis, indivíduos há que não conseguem exteriorizar o que pensam e sentem, por não saberem como o fazer em língua que mal sabem e pouco compreendem, apesar de a oralidade representar a mais antiga técnica de comunicação entre seres humanos. Por natureza, o homem precisa comunicar-se com os parceiros e, portanto, surge imediatamente a necessidade de uso da palavra falada.

Angola é um país rico em cultura oral, pois, aquando da colonização o povo angolano foi dizimado somente a esta componente, estando a escrita muito distante das vivências dos habitantes. Durante a colonização a maior parte da população era analfabeta e como não bastasse era excluída ao mundo de letras, limitando-se, somente, a usar a linguagem oral como elemento de intercâmbio de ideias nas comunidades.

Em vários meios tem-se discutido a urgência da inserção das línguas nacionais (angolanas) no sistema normal de ensino, pensamos que materializar dessa ideia seria muito importante, uma vez que, a valorização e a manifestação da cultura também passam necessariamente pelo valor que se dá à língua. Na prática, essa tendência da valorização ainda é irrisória porquanto os debates em torno do assunto estarem adormecidos. Aliás, em jeito de realce é a inexistência de vagas nos concursos públicos para especialistas em línguas nacionais angolanas (se é que existam).

Em torno deste assunto, valorização da cultura oral pela língua, reconhecemos que ainda há um caminho árduo a ser percorrido, visto que, dentre vários assuntos consta o maciço etnolinguístico das 18 províncias angolanas, fazendo com que haja interrogações do tipo: qual é a língua a ser adoptada nacional/localmente no sistema de ensino? Portanto, apesar de que, a nosso ver, o trabalho de inserção/valorização das línguas esteja a atrasar, a pergunta acima levanta inevitavelmente prudência para que não se caia na imposição, exclusão e inferiorização dos grupos minoritários.

Costa (2006 apud NAUEGE, 2015, p. 4) assegura que, “[...]a introdução das línguas autóctones, na escola, deverá ser encarada numa perspectiva de complementaridade, relativamente à difusão da língua portuguesa[...]”.

Enquanto o trabalho a ser feito vai atrasando, e se continuarmos a destacar/valorizar o nível de letramento e proficiência em LP como forma mais acertada de expressão do pensamento, sobretudo, no meio escolar, sem a devida contextualização, acentuamos ainda mais o risco de valorizar a cultura europeizada em detrimento da cultura do país (Angola).

Segundo Undolo (2016, p. 20): “Os colonizadores impuseram a “taxa de soberania” e tornaram obrigatória a cultura de certos géneros. Instituíram, ainda, o trabalho forçado e organizaram a deportação dos trabalhadores africanos”. Angola é um país com uma diversidade linguística considerável desde às línguas bantus (a maioria) e às não bantus (Khoi-San), sendo a LO, o português, com características próprias e bastante distanciadas das demais anteriormente frisadas. Entretanto apesar de a LP ser muito diferente das línguas africanas faladas em Angola, por si só não é usada taxativamente tal como os europeus e brasileiros, sobretudo, a têm usada.

Segundo Oliveira, et al. (2000, p. 211):

O ensino de uma língua assenta nas quatro habilidades básicas – ouvir/falar e ler/escrever; o seu domínio decorre da articulação conseguida entre os conteúdos programáticos e os objectivos que nos propomos perseguir. Para atingir os objectivos traçados, o domínio das quatro habilidades referidas, há que proporcionar o ensino/aprendizagem do funcionamento da língua. A gramática surge, assim, como funcionamento interno de uma dada língua, a explicação mais ou menos metódica desse funcionamento e ainda como o método de explicação seguido. Enquanto o primeiro sentido assumido remete essencialmente para actividades linguísticas, o segundo e terceiro revelam de actividades nitidamente de carácter metalinguístico. No primeiro caso, gramática é um parassinónimo de língua, tomada, geralmente, como língua materna. Designa, então, uma entidade de natureza psicogenética e psicossocial cuja existência se afirma no âmago de práticas linguísticas características de uma determinada comunidade, tal como certos linguistas postulam, trata-se, aqui, da competência linguística ou, num sentido lato, da competência comunicativa que cada indivíduo falante vai adquirindo, ao longo da vida, como resultado das interacções linguísticas a que é submetido.

É importante que o professor que lecciona a disciplina da LP seja alguém muito bem preparado. Alguém que conheça as especificidades linguísticas regionais e trabalhar com/sobre elas com os seus alunos. Ele é alguém que a comunidade escolar e não só, de forma geral, veja como referência em termos linguísticos. É fundamental que o professor de língua utilize bem a mesma língua a nível oral e escrita. Por esta razão, a aprendizagem de qualquer língua deve ser um espaço aberto onde se edifica o saber através do diálogo e trabalhos diversificados que permitem que a troca de experiência, de ideia e ponto de vista em termos orais ou escritos.

De acordo com Vygotsky (1977 apud COSTA & ANDRÉ, 2015, p. 9):

A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem do aluno na escola tem uma pré-história que cita as dificuldades de aprendizagem que afectam crianças, jovens e adultos e que não constituem um único problema, mas um conglomerado de problemas heterogéneos de dificuldades não académicas com uma base principal na linguagem (processos fonológicos, morfológicos, processamento verbal na memória, processos visuais e auditivos, etc.

Portanto, entende-se claramente que o autor, traz a possibilidade da existência de um conjunto de problemas que, logicamente, podem afectar o processo de ensino-aprendizagem dos nossos alunos, diante do exposto, surge-nos as seguintes perguntas: Todos os professores do ensino primário provieram das escolas do magistério primário? Os professores do ensino primário estão capacitados para monodocência? Há materiais suficientes para o ensino eficiente da LP nas nossas escolas? Há merenda escolar? Há transporte escolar? Os pais ou encarregados de educação acompanham os seus educandos?

As respostas das perguntas formuladas anteriormente, sinceramente, não cabem a nós apresenta-las, pois entendemos que na hierarquia do Governo e não só haja departamentos ou pessoas para esse fim.

Para além das deficiências evidentes do ensino de LP no sistema da educação nacional, várias são os factores que concorrem, como no entender de Miguel (2014, p. 22):

- 1- A Língua Portuguesa não é língua materna da maior parte das crianças, sobretudo das que vivem no meio rural;
- 2- a maioria das crianças, especialmente as do campo, desconhece a Língua Portuguesa;

- 3- os programas de Língua Portuguesa, enquanto matéria de ensino, estão perspectivados para o ensino desta língua como língua materna.
- 4- as turmas estão, quase sempre, sobrelotadas;
- 5- muitos dos professores que leccionam português, não têm formação linguística compatível à sua função, para além de desconhecerem os procedimentos metodológicos para o ensino da língua;
- 6- nos primeiros anos de Independência, a cooperação estrangeira que leccionou em Angola, de nacionalidades muito variadas (eram cubanos, búlgaros, congoleses, zairenses, alemães, russos, vietnamitas, jugoslavos, etc.) não tinha domínio da língua de ensino. Os cubanos (a cooperação mais numerosa) raramente chegavam a falar português: usavam o espanhol como língua de escolaridade ou, pelo menos, aquilo que muitos chamavam *portunhol*. Nestas condições, as oportunidades de os alunos encontrarem modelos linguísticos eram muito escassas.
- 7- na maior parte das escolas, assiste-se a uma gritante precariedade de condições e os docentes, muitas vezes, estão privados dos mais elementares auxiliares pedagógicos. O manual escolar na aula (quando existisse) era de escasso uso, optando-se pelo ditado de apontamentos.
- 8- deste modo, os alunos pouco liam, o que restringia o contacto regular com a escrita e as formas ortograficamente correctas das palavras. Por outro lado, o estudo por apontamentos escritos apressadamente e com erros contribuía para o reforço desses erros.

O ponto de vista da autora que acima fizemos menção é comum para todo o país, apesar de esta ou aquela localidade, em algumas províncias, ter mais ou menos pressa em subverter o quadro actual.

Todos os anos tornou-se praxe os apelos das autoridades, dos professores, dos pais e encarregados de educação para a melhoria do processo de ensino aprendizagem, mas será que todos eles têm noção de pelo menos 80% das suas responsabilidades?

Para esta questão começemos por autoridades governamentais. Há vários anos houve adaptação e construção de escolas com apenas salas de aulas, como se tudo que o aluno precise para aprender é estar sentado entre quatro paredes ouvindo o mestre detentor de todo o conhecimento a ditar as regras e ponto final.

A realidade da capital provincial da Lunda Norte, Dundo, local onde o autor da pesquisa reside e trabalha há dez anos, mostra-nos que muitas escolas tanto do ensino primário como do I e II ciclos foram adaptadas dos antigos edifícios da extinta Diamang<sup>5</sup>. Muitos desses edifícios não eram utilizadas pela mesma como unidades escolares, caso concreto a escola que hoje é designada de Complexo Escolar nº 6 do Bairro Sul, que antes da proclamação da independência nacional era refeitório dos antigos trabalhadores da Diamang, a escola hoje designada de Complexo Escolar nº 14 Ex Recinto dos Cavalos, era um centro de equitação dos antigos funcionários expatriados da Diamang.

A adaptação desses edifícios como escolas, por si não representou um mal naquela altura, a nosso ver, o problema cinge-se, no facto de até agora os mesmos apresentarem as características físicas. A cor das paredes e a emenda de algumas salas, pensamos que são das poucas coisas que diferenciam os antigos dos actuais edifícios que hoje são complexos escolares.

De realçar que na cidade do Dundo, até os edifícios já concebidas antes da independência como escolas, falamos neste entretanto do Colégio nº 13 do Dundo, Magistério do Dundo e Escola Primária nº9 Dundo Central não possuem para além de salas de aulas de bibliotecas, parques infantis, campos polidesportivos, entre outros compartimentos indispensáveis para as actividades extra-curriculares.

A situação ora apresentada torna-se ainda mais preocupante, quando vemos muitas escolas recentes como Liceu do Dundo, a maior parte das escolas do ensino primário e I ciclo, sem as tais condições.

Pensamos que as escolas de todos os níveis devem possuir obrigatoriamente, bibliotecas com livros de interesse dos alunos, parques de laser, campos gimnodesportivos entre outras condições, isto, para que o desenvolvimento dos alunos seja de forma integral.

Os governantes ao criarem leis, também têm o dever de cumpri-las. O que em muitos casos não acontece em Angola, pois se diz que o ensino é gratuito até pelo menos à 9ª Classe de escolaridade, de acordo com Lei 17/16 de 7 de Outubro, Lei de Bases do Sistema de educação e Ensino, que estabelece os princípios e as bases do sistema de educação e ensino, no seu artigo 11º que espelha o princípio da

---

<sup>5</sup> Diamang: Companhia de Diamantes de Angola, foi uma empresa que se dedicava à prospeção e exploração de diamantes em Angola, tendo operado de 1917 até 1975.

gratuidade. Entretanto, o cumprimento deste princípio tem estado a colocar os responsáveis máximos da educação entre a parede e a espada. A precariedade em algumas regiões, a insuficiência das condições materiais bem como as dificuldades de várias ordens que os agentes enfrentam no seu dia-a-dia durante o processo vai colocando em causa cumprimento do princípio da gratuidade por parte dos órgãos dirigentes, o que vem beliscando de uma certa forma a qualidade que tanto se augura.

Refletindo o que muitas vezes vemos a acontecer por cá, é-nos imprescindível recordar Morin (2003, p. 20) quando diz que, “a reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino”. Os professores são colocados muitas vezes no centro de todas as atenções quanto à péssima qualidade do sistema de ensino como se fossem eles o *Alfa* e o *Beta* do sistema de educação e ensino. Referindo a culpabilidade atribuída aos professores angolanos, sobretudo aos do ensino de base, ali onde tudo começa, Zau (2015, p. 294) diz que,

Socialmente reconhecido o baixo nível de formação do corpo docente angolano ligado ao ensino de base, deixou de haver qualquer razão para duvidar da sua falta de competência profissional. O professor de ensino básico angolano está totalmente desacreditado, uma vez que não consegue dar resposta ao papel social que lhe é devido. Nesta conformidade, resta-lhe suportar as severas críticas dos encarregados de educação e da sociedade em geral, o que associado a situações concretas de falta de ética profissional, contribui em larga escala, para a degradação cada vez maior da sua imagem.

Os professores não são vítimas a 100% nem inocentes com esta mesma percentagem, assumem uma quota-parte da culpa do actual cenário. De realçar que os mesmos foram e continuam a ser formados por este mesmo sistema que reconhecemos ter lacunas de várias ordem.

Defendemos a hipótese de que se deve continuar a dar formações, refrescamentos, e seminários científico-pedagógicos direccionados a esta franja de modo a melhorarem a sua actuação face aos desafios presentes e futuros e para que depois esta mesma qualidade se possa repercutir aos alunos pelos quais têm lidado.

Aos poucos, através do decréscimo da qualidade do ensino-aprendizagem, pais e encarregados de educação têm mostrado o seu desagrado quanto ao nível do nosso sistema de educação e ensino e com toda a razão, mas o que muitas vezes fazem? É mandar os filhos à escola e prontos! Estão sempre ocupados nos seus

trabalhos, não conhecem os professores dos seus filhos, não compram material didáctico para os seus filhos (defendendo-se na gratuidade) do sistema de educação e ensino que tem longa caminhada a fazer. Quanto a isso Diambo (2017, pp. 47,48) admite que,

as famílias possuem diferentes concepções, muitos dos pais ou encarregados de educação não se deslocam para as escolas, deixando grande parte da sua responsabilidade aos agentes mais participativos da escola, professores e corpo directivo [...] a participação da família na escola deve ser vista e compreendida como um processo permanente, pois, além das constantes mudanças, diferenças, formas e atitudes comportamentais, socioculturais das famílias, a formação do homem é contínua, assim como a escola não é estática na sua totalidade.

Pela experiência que vimos carregando há já 10 décadas de docência no Ensino Geral (fundamental) não podemos deixar de destacar que, ainda por um número reduzido, existem pais comprometidos e que fazem bem o seu papel de acompanhar a aprendizagem dos seus filhos, conforme podemos perceber também em Diambo (2017, p. 53), “independentemente dos aspectos mencionados, os pais têm uma percepção positiva sobre o seu envolvimento na escola dos educandos, pese embora não ocorra da maneira mais desejada”.

Pensamos que os professores devem ser bastantes persistentes em convocar, informar e despertar cada vez mais aos pais da importância da família que é de acompanhar as aprendizagens dos seus filhos. Quanto à responsabilidade da família, diz Kundongende (2013, p. 68):

Os adultos entre os quais, pais, tios e avós, andam todos preocupados com o estado deprimente da actual situação moral da juventude. Mas, esquecem, ou ignoram, que são eles os principais responsáveis e culpados dessa situação, porque não criaram ambiente diferente de educação para os seus filhos, sobrinhos e netos, ou seja, não souberam educar de modo diferente. A geração posterior é resultado da atitude e acção da geração presente.

Na maior parte das vezes são os adultos, os “outros” que segundo Encarnação Pimenta, são os “maiores desorientadores, mal orientadores ou simplesmente não orientadores do indivíduo em marcha na escada da hierarquia das necessidades.

Fica claro que o apoio e a influência da geração mais adulta à mais nova deve acontecer de modos a manter a cultura e os bons hábitos e costumes. Não obstante há que existir sempre um intervalo, ou seja, uma margem para que as outras decisões venham a ser tomadas pelos próprios indivíduos, evitando assim a imposição que numa certa forma podem causar baixa estima nas suas atividades do dia-a-dia, tanto na escola como fora dela.

As metodologias de ensino de LP em Angola são baseadas exclusivamente nas de L1, como se todos os indivíduos a tivessem como a sua L1. As classes iniciais são as que os professores mais se deparam com impasses, sobretudo nas zonas rurais onde muitas crianças apresentam problemas pelo facto de estarem mais socializadas com uma língua diferente do português. Sobre isso, INE (2016, p. 39) através do Censo Geral da População e Habitação realizada no ano de 2014, apurou que “o cokwe é a língua mais falada na província com 62%”.

Miguel (2014, p.23) diz que,

A aprendizagem do português em Angola faz-se por via escolar, fundamentalmente no meio rural. Porém, mesmo nas cidades, a parte mais importante da oferta do português também se processa na escola, e só com a 4.<sup>a</sup> classe o aluno tem competência para construir um texto minimamente compreensível.

O território nacional angolano apresenta diversas realidades e na tomada de medidas educacionais não devemos colocar de parte as particularidades regionais no que tange ao número de falantes do português L1 e L2. Se ao longo dos anos esta desatenção foi mais evidente, hoje, é possível invertê-la recorrendo aos dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, quanto ao uso das línguas. Em várias localidades de Angola, acontecem situações muito adversas ao processo de ensino-aprendizagem motivadas pelo uso de um dialecto linguístico descontextualizado a realidade dos alunos, fazendo com que muitas vezes “o professor tenha medo de não ser compreendido pelos seus alunos e, portanto, está condenado a uma simplificação máxima nas suas explicações”, Mpanzu (2018, p. 85).

Sobre a necessidade de a LP ser ensinada de forma contextualizada, muitos académicos já mostraram essa preocupação como também podemos ver em Naeuge (2015, p. 4):

Percebe-se que os estudiosos angolanos convergem em muitos pontos no que toca aos caminhos por que tem que passar o ensino-aprendizagem do Português. É evidente a preocupação de adequação

da metodologia, ou seja, não transladação e inculcação de métodos e técnicas alheios à realidade do aprendente, a preparação dos manuais de que se vão servir, quer os professores quer os alunos para ensinar e aprender o Português, a formação e capacitação permanentes de professores não se devem descurar para a promoção do sucesso escolar e do ensino de qualidade.

Portanto, de realçar que a materialização deste propósito, metodologias contextualizadas de ensino de LP em Angola, será como um balão de oxigénio para o sistema de ensino-aprendizagem, uma vez que, não se poderá descurar as especificidades locais ou regionais, tanto linguísticas, social como culturais, acabando também por valorizar/resgatar identidades das populações.

Na sua obra mais recente, professor Undolo (2020, p. 68), bastante directo, diz que “verifica-se, entretanto, não haver, em Angola, instrumentos, recursos, escolas e currículos de formação de professores de Português L2, quer no nível médio, quer no nível superior de formação pedagógica [...]. A realidade mostra que, até ao momento, não há, em Angola, uma política educacional explícita de ensino de Português L2”.

Não se consegue sequer refutar ou ter dúvidas da realidade acima exposta quando se vive em Angola, aliás, muitos cidadãos mesmo não sendo profissionais da área, estão aptos para acrescer ilações do quadro geral, débil, do nosso sistema de ensino, em que o ensino do Português anda igualmente mergulhado no mesmo.

### **1.8- Situação actual do ensino de LP nos cursos da EPD**

O ensino de LP na EPD é vista em duas vertentes, a primeira é a de curso de graduação ministrado durante 4 anos académicos mais 1 ano reservado para a elaboração de trabalho de fim de curso e a respectiva defesa do mesmo. A segunda é a de disciplina (cadeira) ministrada nos 1<sup>o</sup> e 2<sup>os</sup> anos curriculares dos outros cursos, nomeadamente curso de ensino da Língua Francesa, curso de ensino da Língua Inglesa, curso de ensino de Física, curso de ensino de Química, curso de ensino de Biologia, curso de ensino Primário, curso de ensino Pré-escolar, curso de ensino especial.

Tratando-se da conjugação verbal, pelas observações que vínhamos fazendo desde ano de 2016, não no âmbito desta pesquisa, mas como monitor da cadeira de LP, é de lamentar o facto de a cadeira da LP posicionar-se entre àquelas em que os estudantes destes cursos apresentam, maioritariamente, resultados não satisfatórios,

pois mais adiante, nesta pesquisa poderemos perceber se o problema tem origem na EPD ou é oriundo no nível de escolaridade que antecede a graduação.

A situação actual do ensino de LP na EPD é preocupante porquanto a assimilação e avaliação dos conteúdos programáticos tem revelado resultados não satisfatórios no que tange aos objectivos preconizados. (ver anexo 4)

## **CAPÍTULO II: Metodologia de Trabalho**

### **2.1- Caracterização da EPD**

A EPD (criada sob decreto lei nº 2/01 de 22 de Julho do Conselho Ministros), situada na cidade do Dundo, Rua da K-18, Província da Lunda Norte, é uma Unidade Orgânica da Universidade Lueji A´Nkonde, criada pelo Decreto nº 7/09, de 12 de Maio resultante da criação das regiões académicas e a expansão do ensino Universitário em Angola.

A EPD foi inaugurada no dia 2 de Fevereiro de 2004, pelo, então Primeiro-Ministro da República de Angola, Sua Excelência Fernando da Piedade Dias dos Santos, tendo iniciado as suas actividades no dia 23 de Março de 2004 com 684 estudantes inscritos, deste número apenas 651 confirmaram as suas matrículas. Trata-se de um complexo construído de raiz, com capacidade para mil estudantes, constituído por 23 salas de aulas, dois laboratórios, uma sala de conferências, uma sala de informática e uma biblioteca. <http://www.ulan.ed.ao/Entidade/EPD>

A partir do ano de 2018, a EPD passou a contar com salas anexas do curso de Ensino Primário do Departamento de Pedagogia, no município do Cambulo, concretamente, na vila mineira do Nzagi. Pertencendo a Universidade Agostinho Neto, aquando da sua inauguração e o seu respectivo funcionamento, a EPD era vocacionada a formar técnicos superiores apenas a nível de bacharelato e com a criação das diversas universidades públicas, assim como a delimitação das regiões académicas em todo o país, a EPD passou a pertencer a ULAN e no ano de 2011, todos os cursos passaram a formar licenciados em quatro (4) anos curriculares mais um (1) para a realização de trabalho de fim de curso e a respectiva defesa.

### **2.2- Metodologia**

A nossa investigação é de carácter diagnóstico com resultados quantitativos e ao longo dela usamos, tal como a norma estabelece, os seguintes métodos:

**Estudo documental:** Segundo Kripka et al. (2015, p.58) “é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Utilizamos este método para constatar as principais características e fundamentos do objecto da investigação, ou seja, levamos aos documentos reitores como a LBSEE, Decreto Presidencial nº 5/19 de 8 de Janeiro, aprova o Regulamento Geral de Acesso ao Ensino Superior, aos programas, gramáticas e manuais utilizados, actualmente, no ensino primário e secundário do sistema de educação de Angola.

**A observação**, no entender de Cervo et al. (2014, p.31), observar

é aplicar atentamente os sentidos físicos a um objeto para dele obter um conhecimento claro e preciso. A observação é de importância capital nas ciências. É dela que depende o valor de todos os outros processos. Sem a observação, o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples.

A observação, não obstante ser um método muito natural, utilizamo-la para constatar de forma directa o objecto de estudo e obter informações sobre os dados observados.

De frisar que, neste trabalho, com o método de observação, baseado num guião<sup>6</sup> foi possível produzir informações a partir dos dados, amostra, em função da hipótese “a partir da observação realizada queremos obter dados que apontem o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019”. Os dados observados que não estivessem conforme à norma padrão<sup>7</sup> de LP, foram considerados desvios. Desvios aqui são entendidos como sendo não correspondentes à norma padrão, mas que tenham um porquê da sua existência.

Diante do acima exposto, parafraseando o linguista e professor Márcio Undolo numa das suas exposições no “Colóquio Internacional de pesquisa em Educação, realizado numa parceria entre a ULAN e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP), que decorreu na EPD, no período de 24 a 28 de Fevereiro de 2020”, apresentava a diferença existente entre os termos variedade e variante em que a variedade, segundo o mesmo, é um todo, ou seja, compõe todas as partes e a variante como sendo uma das partes deste todo.

Assim, estamos em condições de reiterar o sentido de “desvios” que atribuímos aos “erros” que são apontados pelos puristas, quando se abstêm da existência de variantes linguísticas já construídas ou que ainda estejam em construção. A conjugação verbal pela qual observamos desvios fazia menção ao verbo ir no presente do indicativo.

**Questionário:** Cervo *et al.* (2014, p.53) dizem “O questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra questionário refere-se a um meio de obter respostas às questões

---

<sup>6</sup> Ver no anexo 2.

<sup>7</sup> “Na perspectiva de linguistas portugueses de várias épocas, o conjunto de usos linguísticos das classes mais escolarizadas da região de Portugal, situada entre Coimbra e Lisboa”. (cf. Buca, 2018, p. 26).

por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Utilizamos esta técnica no nosso trabalho para colher algumas informações gerais a partir do Departamento dos Assuntos Académicos (DAAC) da EPD sobre os candidatos do ano académico de 2019.

**Tabulação:** de acordo com Teixeira (2003) “é o processo de agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise” (p.196). No nosso trabalho, utilizamo-la para organizar os dados observados em ilustrações e gráficos com a finalidade de se produzir informações a partir dos mesmos. (Teixeira, 2003)

**Cálculo percentual:** sendo um dos passos da análise e interpretação dos dados, no nosso trabalho, ajudou-nos a determinar a frequência das informações obtidas dos dados observados. “Essa análise pode ser feita manualmente, com o auxílio de calculadoras ou de computadores eletrônicos”. Teixeira (*Idem*).

### 2.3- Tarefas de investigação

- 1- Diagnóstico de dados que apontem o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019.
- 2- Apresentação da situação actual da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019.
- 3- Reflexão em torno do nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019

### 2.4- População e amostra

**População:** 1619 candidatos aos cursos da EPD ano 2019. Os candidatos pelos quais constaram como nossa população, são todos aqueles que procuravam por uma vaga nos cursos de ensino de LP, ensino de biologia, ensino primário, ensino de física e ensino de matemática, por estes serem os únicos, que inscreveram e admitiram novos estudantes. Têm idades compreendidas entre os 18 a 55 anos de idade. Nesse, ano, a EPD recebeu candidatos oriundos de 11 províncias de Angola, mas, maioritariamente, são oriundos da província anfitriã desta pesquisa, sobretudo das Escolas do Ensino Secundário do município do Chitato (sede) e dos municípios próximos a este, concretamente, Lucapa e Cambulo. Quanto às instituições de ensino, estamos a falar da Escola de Magistério do Dundo, Escola de Formação de Técnicos de Saúde da Lunda Norte, Escola de Magistério do Lucapa, Escola do Ensino Geral do Dundo (ex-PUNIVs), Complexo Escolar “Delegado Eusébio Nelson” e Escola de Magistério do Cambulo. Os candidatos com idades mais avançadas, na sua maioria, são funcionários públicos do sector da Educação.

**Amostra:** Tratando-se de uma pesquisa diagnóstica, a amostra foi selecionada a partir de 189 provas escritas dos candidatos da EPD e definido tendo em conta a proporcionalidade do total de candidatos.

De salientar que, por razões de natureza económico-financeira, assim como as restrições encontradas face à Covid-19, ilustramos, neste trabalho, dados de apenas 46 candidatos, mas que a análise e a produção das informações foram com base aos 189 testes.

Mesmo não sendo o nosso foco, levantamos dados sobre a conjugação verbal nos materiais didáticos do EP e I utilizados no sistema de educação e ensino em Angola e nos materiais didáticos (cadernos) de alguns finalistas das escolas do II CES sedeadas na cidade do Dundo, que nos permitiram fazer uma reflexão em entorno da conjugação nesses níveis de ensino.

## 2.5- Hipóteses

**1ª:** Por um lado, a partir da observação realizada queremos obter dados que apontem o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019 e **2ª:** por outro, é possível inferir que haja uma desconexão entre as maneiras como se ensina a conjugação verbal e o modo como o estudante fala e escreve, visto que a maioria dos candidatos apresenta dois níveis distintos em relação à conjugação verbal. O primeiro nível é quando, por exemplo, um aluno é solicitado a reproduzir os verbos na forma de tabela sem conexão com o restante da sentença. O segundo nível é quando lhe é solicitado escrever um texto, em que não ocorre a desconexão dos verbos como quando resolve o exercício da conjugação.

## 2.6- Variáveis

1ª Metodologia contextualizada do ensino de LP em Angola.

2ª Conhecimentos sobre assimilação dos conteúdos de LP ministrados nos ciclos anteriores ao ES.

### **Variáveis Dependentes:**

1ª Observação do nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019.

2ª Competência de realização da conjugação verbal em exercícios e textos escritos.

## **CAPÍTULO III: Contextualização do Estudo**

O presente capítulo é resultado do trabalho de campo, onde observamos dados que apontam o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019. Entre esses dados, destacamos a conjugação verbal como sendo das áreas que mais observamos o desvio daquilo que se esperava como resultado nas provas que tomamos como corpus de análise da nossa investigação. Por essa razão, justificamos, em primeiro lugar, fazer uma abordagem sobre os verbos e seguidamente, apresentamos os resultados observados em espécie de uma descrição. A descrição a que nos referimos aqui é no sentido de apresentar os dados tal como as observamos e, conseqüentemente, as informações que deles pudemos produzir.

### **3.1- Verbo e a sua flexão**

Verbo (do latim *verbum*) é aquela palavra que dá sustento a uma oração, ou seja, é a base, o fulcro de uma oração, apresentando neste entretanto uma acção, uma qualidade ou um estado. Borregana (2005, p.168.) diz que “o verbo exprime uma acção, ou um estado, situados no tempo”. Em espécie de reforço a esta definição, acrescentamos dizendo que ele também faz parte da classe das palavras variáveis que na frase desempenha a função sintáctica de predicado, ou seja, o elemento principal (fulcral) do sintagma verbal.

Segundo Sacconi (2005 apud BENITO & DOS SANTOS, 2009, p. 14) “o verbo é a palavra que pode sofrer flexões de número, tempo e modo”.

Dentre várias formas de se perceber a palavra flexão, aqui ela é vista na vertente verbal como as diferentes formas que um determinado verbo vai variando, apresentando outras palavras, com ou sem o mesmo radical que na morfologia se designa de formas do verbo e que na sintaxe as formas verbais não nominalizadas desempenham funções de predicado, por denotarem aquilo que tradicionalmente se designa de acção praticada, sofrida ou atribuída ao sujeito.

Quanto à flexão, nesta abordagem, é-nos importante explicar o número, tempo e modo no âmbito dos verbos.

#### **3.1.1- Número**

Quanto ao número, tal como acontece nas outras classes de palavras variáveis, refere-se a singular e plural. O singular traduz acção praticada por um só indivíduo e plural a praticada por dois ou mais indivíduos. E tendo em conta os pronomes utilizados, tradicionalmente na flexão/conjugação verbal, temos três pessoas que

podem ser representados tanto no singular como no plural, nomeadamente eu, tu, ele (singular) e nós, vós<sup>8</sup>, eles (plural).

### 3.1.2- Modo

Segundo Undolo (2016, p. 114): “tradicionalmente, os gramáticos, linguistas, designam modo como sendo as diferentes formas que o verbo toma para indicar a atitude do sujeito falante ou da pessoa representada pelo sujeito frásico, em relação ao facto que refere”.

Segundo Sacconi (2005 apud BENITO & DOS SANTOS, 2009, p. 14):

A flexão de modo indica as diferentes maneiras de um fato se realizar. São três:

O **indicativo**, que exprime um fato certo ou positivo: Vou hoje. / Saíram cedo.

O **subjuntivo**, que enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético: é possível que chova. / Se você trabalhasse, não passaria fome.

E o **imperativo**, aquele que dá uma ordem, proibição, conselho, pedido: Volte logo. / Não fiquem aqui. /Sejam prudentes.

O subjuntivo é também denominado conjuntivo em Angola, visto que a maior parte das gramáticas utilizadas na docência fazem referência a este termo denotando exactamente o modo subjuntivo no contexto brasileiro.

### 3.1.3- Tempo

O tempo verbal revela o momento da realização da acção. O modo indicativo apresenta dez (10) tempos ao longo da conjugação verbal que são:

- 1- Presente
- 2- Pretérito imperfeito
- 3- Pretérito perfeito simples
- 4- Pretérito perfeito composto
- 5- Pretérito mais que perfeito simples
- 6- Pretérito mais que perfeito composto
- 7- Futuro do presente simples
- 8- Futuro do presente composto
- 9- Futuro do pretérito simples

---

<sup>8</sup> Vós: pronome que indica a segunda pessoa do plural. No PA, ocorre com pouca frequência, isto é, segundo diagnóstico realizado no âmbito deste trabalho pois, dos poucos testes em que os ingressantes apresentavam um conhecimento na conjugação verbal, houve poucas situações de ocorrência da conjugação neste pronome.

### 10-Futuro do pretérito composto

O modo conjuntivo apresenta seis (6) tempos verbais durante a conjugação verbal. Eis os seguintes:

- 1- Presente
- 2- Pretérito imperfeito
- 3- Pretérito perfeito composto
- 4- Pretérito mais que perfeito composto
- 5- Futuro simples
- 6- Futuro composto

O modo imperativo não apresenta tempos, e sim algumas pessoas. Essas pessoas verbais, tradicionalmente, costumam ser retiradas no presente do indicativo (tu e vós) e no presente do conjuntivo (ele/você, nós e vocês/eles). De salientar que as formas verbais do modo indicativo utilizadas para formar o imperativo (tu e vós) são-lhes retiradas as desinências -s.

## 3.2- Estrutura do verbo

Para se entender ou classificar os verbos é fundamental que se tenha ideia de outros elementos estruturadores dos mesmos, estamos a falar de radical, tema, vogal temática e desinência.

### 3.2.1- Radical

Radical: nos verbos, é o elemento que apresenta a significação básica da palavra. Atente aos seguintes exemplos (estud, com, part).

### 3.2.2- Tema

Tema: é o radical acrescido da vogal temática. (estuda, come, parti).

### 3.2.3- Vogal Temática

Vogal Temática (VT): É o elemento que, nos verbos, serve para indicar a conjugação. São três:

- a - para verbos de 1ª conjugação: estud+A+r
- e - para verbos de 2ª conjugação: com+E+r
- i - para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

### 3.2.4- Desinência

Desinência verbal: é o elemento terminal do vocábulo, serve para marcar pessoa, número, tempo e modo.

### 3.2.4.1- Tipos de desinência verbal

**3.2.4.1.1- Desinência Modo Temporal:** são as desinências que indicam o modo e o tempo do verbo.

Atente nos seguintes exemplos:

- estuda (-va<sup>9</sup>; -sse): desinências que denotam o pretérito imperfeito do indicativo e do conjuntivo respectivamente.

- Come (-ia<sup>10</sup>; -ra; -ria): desinências que denotam o pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito e futuro do pretérito do modo indicativo respectivamente.

**3.2.4.1.2- Desinência Número-Pessoal:** são as desinências que indicam o número e a pessoa do verbo.

Exemplos:

- estudamos (-mos): desinência que denota primeira pessoa do plural.

- estudas (-s): desinência que denota segunda pessoa do plural.

- estudam (-m): desinência que denota a terceira pessoa do plural.

### 3.3- Classificação dos verbos

Os verbos podem ser classificados de diversas formas, mas no âmbito do nosso trabalho preferimos classificá-los da seguinte forma:

#### 3.3.1- Quanto à flexão

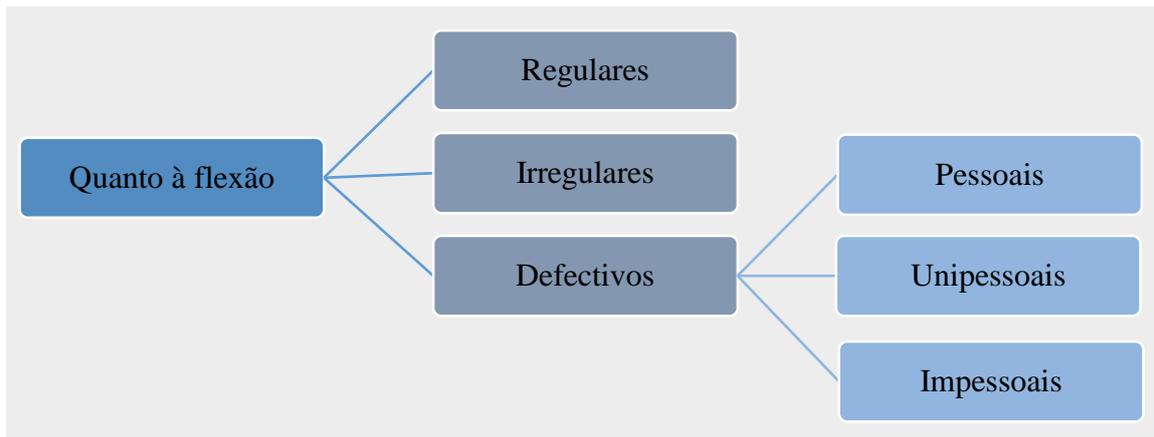
A classificação dos verbos quanto à flexão, tem muito a ver com a morfologia por esta ser segundo Pinto & Lopes (2011, p. 113): “a parte da gramática que estuda as palavras na sua formação e flexão, dentro das classes gramaticais a que pertencem”.

---

<sup>9</sup> Desinência verbal do pretérito imperfeito nos verbos da primeira conjugação.

<sup>10</sup> Desinência verbal do pretérito imperfeito nos verbos da segunda e terceira conjugação.

## Esquema 2- Classificação dos verbos quanto à flexão



Fonte: Elaboração própria do autor

### 3.3.1.1- Verbos regulares e irregulares

Segundo Mesquita & Pedro (2014, p. 163):

quando os verbos mantêm o radical em toda a sua conjugação chamam-se verbos regulares.

Ex.:

Amar	<b>am</b> ava	<b>am</b> arei	<b>am</b> asse
Comer	<b>com</b> ia	<b>com</b> erei	<b>com</b> esse
Partir	<b>part</b> ia	<b>part</b> irei	<b>part</b> isse

Quando os verbos não mantêm o radical em toda a sua conjugação chamam-se verbos irregulares.

Ex.:

Fazer	faço	fiz	faria
Poder	posso	pude	poderia
Trazer	trago	trouxe	traria

No decurso da sua conjugação, os verbos irregulares podem perder parcial ou completamente o seu radical. Nas situações em que perdem completamente o seu radical, podem ser chamados de anómalos. Os verbos que se enquadram perfeitamente nesta classificação são ser e ir, entretanto não descurando os outros como estar e haver.

### 3.3.1.2- Verbos defectivos

Fernandes (2018, p. s/p): “Os verbos defectivos são aqueles que não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos, ou seja, **não têm conjugação completa**”. Os verbos defectivos são subclassificados por: defectivos impessoais, defectivos unipessoais e defectivos pessoais.

### 3.3.1.2.1- Verbos defectivos impessoais

Ainda de acordo com o mesmo autor, percebe-se que, “os verbos defectivos impessoais não têm sujeito. Além dos verbos que manifestam fenômenos naturais, o verbo haver (no sentido de existir) e o verbo fazer (no sentido de tempo decorrido) são verbos impessoais e, assim, são normalmente conjugados na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular”. (idem)

Os verbos que não têm sujeito e exprimem fenômenos da natureza, tal como já se fez referência, podemos aqui apontar alguns: chover, anoitecer, entardecer, amanhecer, alvorecer, nevar, ventar, relampejar, trovejar, etc. Exemplo: Relampejou muito durante o dia.

### 3.3.1.2.2- Verbos defectivos unipessoais

Os verbos defectivos unipessoais indicam ações ou vozes de animais. Estes são conjugados apenas na terceira pessoa do singular e do plural, podemos apresentar os seguintes exemplos: Sempre que veja pessoas, a minha galinha cacareja. Esta cadela ladrou toda a noite.

### 3.3.1.2.3- Verbos defectivos pessoais

Mesquita & Pedro (2014, p. 164): “os verbos defectivos pessoais são verbos que se usam só em alguns tempos ou pessoas por serem de desagradável pronúncia”. Em espécie de realce, recorre-se Fernandes (2018, s/p):

“ao contrário dos impessoais, têm sujeito, mas não são conjugados em todas as formas. Exemplos:

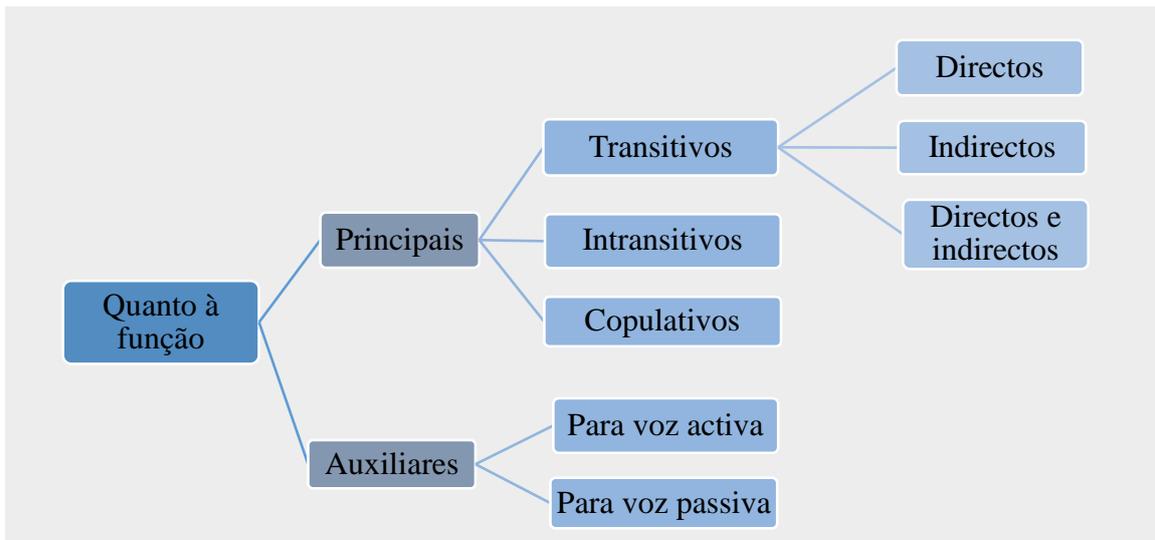
- Vou colorir esta parte, enquanto ele colore. (Uma vez que não existe “eu coloro”, substituímos por outra forma: “Vou colorir”)
- Ressarcindo os clientes, o gerente da loja pediu desculpas pelos danos causados. (Uma vez que não existe “ela (a loja) ressarce”, substituímos por outra forma: “Ressarcindo”).

### 3.3.2- Quanto à função

Esta classificação cinge-se não somente na morfologia, mas no campo morfossintático, por este tratar da estrutura da palavra assim como da constituição, organização e combinação dos elementos da oração. Pinto & Lopes (2011, p. 173): “sintaxe é a parte da gramática que estuda a estrutura e os constituintes da frase”.

Esta classificação pode ser enquadrada no seguinte esquema:

### Esquema 3- Classificação dos verbos quanto à função



Fonte: Elaboração própria do autor

#### 3.3.2.1- Principais

Verbos usados numa oração em que por si só denotam a plenitude da ideia que transmitem. Segundo Cunha & Cintra (1985, p. 269): “verbo principal é o verbo de significação plena, nuclear de uma oração. Assim: **Estudei** português”.

Ainda nesta linha de pensamento, Neves (2020, s/p): “verbos principais são verbos que não necessitam de outros verbos para transmitir a totalidade da ação verbal”.

É-nos importante realçar, que apesar da plenitude ou a totalidade do significado verbal a que os autores acima fazem menção quanto aos verbos principais, eles são de natureza diferente, ou seja, necessitarão ou não de um objecto ou predicativo do sujeito a fim de atingirem a essa plenitude ou totalidade. A seguir, passamos a apresentar a referida natureza:

##### 3.3.2.1.1- Transitivos

Verbos transitivos são aqueles que precisam de um objecto dar plenitude ao seu sentido. Em jeito de realce tomamos a explicação apresentada por Cunha & Cintra (1985, p. 100):

Ele não me *agradece*, nem eu lhe *dou* tempo.

Vemos que as formas verbais *agradece* e *dou* exigem certos termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o pronome *me* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *tempo* na segunda), estes verbos chamam-se transitivos.

Os verbos transitivos tradicionalmente são significativos, porquanto já denotam alguma coisa, ainda que venham a exigir um objecto para lhes dar a plenitude do significado. A abordagem feita por Ilari & Basso (2009) sobre valência e tipos de verbos, o mesmo traz dados que nos dão conta de que os verbos transitivos podem ser considerados de biargumentais e intransitivos de monoargumentais. A distinção nos dois termos em referência está nos prefixos (-bi) e (-mono). O prefixo (-bi) denota dois, ou seja, o dobro da referência e o prefixo (-mono) traduz um, ou seja, algo só.

Pode se ver ainda que para o autor o termo *argumentais/argumento* denota os nomes ou pronomes que ladeiam o verbo na construção de uma sentença, sendo estes colocados na posição pré ou pós-verbal. Na posição pré-verbal, pode dar-se o caso de um pronome ou grupo nominal a desempenhar funções sintácticas de sujeito e na posição pós-verbal podendo ser ou sujeito ou objecto.

Ilari & Basso (2009, p. 194) vão mais além ao expor quatro (4) situações em que encontramos verbos biargumentais, tais como:

- 1- Verbos que indicam uma ação realizada por um agente sobre um objecto, como ligar e derrubar:
  - Às vezes eu ligo a rádio.
  - No Parque Lucaia eles derrubaram muita coisa.
- 2- Verbos que indicam uma ação que resulta na existência de um objecto previamente inexistente, como fazer e construir:
  - O sapato novo não quis... porque mamãe fez uma roupinha de veludo para o casamento da minha sobrinha né?
  - Ele construiu uma casa boa. Essa aí ele construiu porque ele era funcionário público do Ipa.
- 3- Verbos que indicam uma certa relação psicológica entre um ser inteligente e um objecto, como gostar de, amar, detestar, reconhecer, etc.:
  - Eu nunca gostei de roupa uruguaia. Sempre achei pavorosa a roupa uruguaia.
  - O médico declara ao rei que o príncipe ama a rainha.
  - Fazer uma leitura em nível pré-iconográfico nós vamos reconhecer as formas... então que tipo de formas que nós vamos reconhecer?
- 4- O verbo ser indicador de identidade, que, numa descrição de tipo mais tradicional, seria classificado como um formador de predicados nominais [...] o verbo ser só é biargumental quando

indica relações de equivalência, nesse caso, temos uma sentença reversível que, se for verdadeira, nos informa que dois nomes ou decisões diferentes têm a mesma referência.

- Aquela sinalização feita na Salvador-feira é exatamente uma sinalização feita para estradas de grande movimento.

- Então a Segunda Grande Guerra foi basicamente uma guerra de ampliação de mercados ou de conquistas de mercados, por parte de quem?

É importante deixar claro que, o verbo ser quando usado em sentenças com irreversibilidade, descura-se sombra de dúvidas o seu lado biargumental, visto que, para além da identidade funcionará apenas para estabelecer a ligação entre o sujeito com o seu predicativo, isto é, tradicionalmente falando na perspectiva gramatical. Os exemplos a seguir ajudam a perceber: O Manuel é bonito. A Marlene é uma mulher batalhadora.

Os verbos transitivos fazem parte do grupo dos verbos significativos, entretanto a sua significação não é completa. E por este facto, os mesmos podem ser transitivos directos, transitivos indirectos e transitivos simultaneamente directos e indirectos.

#### **3.3.2.1.1.1- Directos**

Os verbos transitivos directos são os que não necessitam de uma preposição como elemento de ligação ao seu objecto. A sua acção transita directamente para o elemento que faz a plenitude da sua significação. A esse elemento costuma ser denominado de objecto directo. Ex.: A Ana *comprou* três blusas.

#### **3.3.2.1.1.2- Indirectos**

Os verbos transitivos indirectos são aqueles que transitam indirectamente para um objecto por meio de uma preposição, isto é, quando o objecto não aparecer pronominalizado. O elemento pelo qual eles fazem a transição directa, recebe o nome de objecto indirecto e mesmo quando este for pronominalizado, o pronome substituinte não deixa de desempenhar a mesma função. Ex: O Zé *obedece* à mãe. O Zé *obedece-lhe*.

#### **3.3.2.1.1.3- Directos e indirectos**

Os verbos transitivos directos e indirectos que admitem simultaneamente um objecto directo, não ligado por uma preposição, e um objecto indirecto obrigatoriamente ligado por uma preposição quando não pronominalizado. A Andreia deu uma boneca à Amaia.

### 3.3.2.1.2- Intransitivos

Segundo Cunha & Cintra (1985, p. 100): dizem que os verbos intransitivos são aqueles que “ a sua acção não vai além do verbo”. Filho (2011, p. 164) diz que “ quando são intransitivos, os verbos não podem construir-se com complementos. Ex.: A árvore vive. Mas há verbos que podem ser intransitivos como transitivos. Eu volto. Eu volto as páginas”.

Tal como já referenciamos atrás, os verbos intransitivos são denominados na abordagem feita por autor Ilari & Basso (2009, p.191) por monoargumentais. Nessa linha de pensamento o mesmo autor diz que,

São monoargumentais, evidentemente, os verbos que a tradição gramatical chama de intransitivos. Os exemplos sempre lembrados nas gramáticas tradicionais são de verbos que indicam algum tipo de movimento, como correr, nadar, pular, verbos que designam processos que se passam num organismo vivo, como dormir e desmaiar; verbos que indicam a entrada ou saída de cena, como aparecer e sumir, etc.

Tendo em conta a plenitude da ideia que os verbos intransitivos oferecem, e não se demarcando da ideia acima, podem-se acrescentar ao grupo dos intransitivos os verbos como: amarelecer, falecer, morrer, viajar, ladrar, cacarejar, etc. Entretanto, no trabalho realizado por esse Ilari & Basso (idem), percebe-se quatro subconjuntos que o mesmo fez sobre os verbos intransitivos ou monoargumentais tal como os denomina:

- Um desses subconjuntos é o dos chamados **verbos inacusativos**. São aqueles verbos com um único argumento e que são frequentemente caracterizadas por conterem um sujeito posposto ao verbo. Como exemplo a esse subconjunto buscámos os verbos aparecer, cair, explodir, chegar.

Ex.: *Chegou* a Marlene, a rapariga a qual falávamos há pouco.

*Caiu* por terra todo seu segredo.

*Saiu* da casa do marido e afundou-se.

- O subconjunto dos **verbos inergativos** constituído por verbos como dormir, roncar, cair (no sentido de sofrer uma queda), desmaiar, brilhar, etc. Esses verbos apresentam também um único argumento na posição pré-verbal.

Ex.: Todo mundo silenciado e observando, excepto o Zé que roncava quando a casa caía.

- O subconjunto dos verbos que o autor chama de **verbos de alternância**

**ergativa** são aqueles que aparecem em sentenças com um único argumento embora possam também aparecer em outras sentenças com dois argumentos e deixando de ser ergativos, passando, neste caso, a ser verbos transitivos.

Atente aos exemplos:

O vaso *quebrou*. O Wilson *quebrou* o vaso.

A roupa *secou*. A lavadeira *secou* a roupa.

Nos exemplos acima, vemos que o verbo quebrar e secar funcionam nas primeiras orações como intransitivos (ergativos) e nas segundas orações como transitivos. Algo em comum entre as sentenças é o facto de nas sentenças em que o verbo é intransitivo o único argumento, neste caso o sujeito, ser constituído por um ser inanimado e nas sentenças em que o verbo é transitivo o sujeito é constituído por um ser animado.

Entretanto, a complexidade entre transitivos e intransitivos é ainda realçada por Ilari & Basso (2009, p.192) quando dizem que “esse problema é mais amplo do que simplesmente a distinção entre verbos transitivos e verbos de alternância ergativa; o verbo esfriar, por exemplo, pode aparecer em três construções distintas: João *esfriou* a comida. (transitivo); A comida *esfriou*. (ergativo), vai *esfriar* (sem argumentos)”.

- **Verbos apresentacionais**, são o último subconjunto dos verbos monoargumentais que o Ilari & Basso (2009, p. 193) dizem como sendo aqueles que, cumprem a importante tarefa de introduzir no discurso novos referentes, que serão retomados a seguir”.

Existe muitos outros meios de transporte que não são explorados. Por exemplo, o trem está aí, mas eles aqui no Brasil não utilizam o trem.

Ali havia uns eucaliptos sendo plantados lá, não?

Aí, a gente, é, não, mas que nada, eu cheguei lá no hospital, eu fui de madrugada, né aí chegou um enfermeiro, disse é INPS ou particular?

### 3.3.2.1.3- Copulativos

Os verbos copulativos, entendidos também como verbos de ligação, são verbos de significação indefinida. Funcionam como elemento de ligação entre o sujeito e o seu predicativo. Na sua lista figuram verbos como ser, estar, parecer, permanecer, ficar entre outros.

### 3.3.2.2- Auxiliares

Como o próprio nome diz, são auxiliares porque ajudam os principais na formação dos tempos compostos, tanto na voz activa como na passiva.

### **3.3.2.2.1- Para voz activa**

Tradicionalmente, os verbos que auxiliam os principais na formação dos tempos compostos são ter e haver. É importante ressaltar que o verbo ter é preferencialmente usado para os falantes cujo padrão normativo é Português Europeu (PE) e Português Angolano<sup>11</sup> (PA) na formação dos tempos compostos e o verbo haver para os falantes do Português Brasileiro (PB).

### **3.3.2.2.2- Para voz passiva**

A voz passiva ao contrário da activa em que o sujeito pratica uma acção, aqui o sujeito sofre a acção. O verbo que participa na tarefa de auxiliar os outros é o verbo ser que na transposição de um trecho ou texto da voz activa para passiva, observam-se muitos critérios, em que um deles é o do auxiliar, ser, concordar em modo, género, número e pessoa com o principal, quando este se encontra na voz activa.

## **3.4- Verbo ir**

Ir é uma palavra que na LP constitui um verbo da terceira conjugação. Verbo sem radical, constituído apenas com a VT e desinência verbal, ortograficamente parece algo mesquinho, mas nos campos da semântica e da sintaxe, bastante expressivos no português usado em Portugal, Brasil, Angola e tanto noutros países da CPLP.

Apresentamos aqui algumas características do verbo ir pelo facto de ser o elemento com mais desvios nos testes de ingresso/2019 da EPD que tomamos como corpus para esta pesquisa.

Basicamente, o verbo ir denota deslocamento de um lugar para outro, isto é no espaço físico. Entretanto, através da extensão semântica, algo incontornável nas línguas vivas, o verbo ir vai assumindo outros posicionamentos com intuito de tornar a LP assim como a própria comunicação mais próximas. Apesar de o verbo ir ser locativo, o contexto da enunciação das frases condicionam a presença ou não da especificação do espaço de destino a que o verbo se refere. Atenta nos seguintes exemplos:

Frase 1: O nosso avô foi-se.

Frase 2: O Zé e a filha vão à fazenda.

Frase 3: O Miguel já foi.

Portanto, para além do contexto da enunciação das frases acima, podemos dizer que a frase 1 denota uma ideia plena, porquanto o pronome “se” faz com que a

---

<sup>11</sup> Apesar da sua não oficialização.

forma do verbo ir “foi” não necessite de uma expressão locativa, tornando a sentença a ideia de que “o nosso avô foi para a eternidade” ou seja, o nosso avô morreu. A frase 2, pela sua organização é indispensável a presença da expressão “à fazenda” por esta dar o valor locativo ao verbo quando a frase não apresenta nenhuma outra palavra que venha evitar a sua presença. E, finalmente, a frase 3, semelhante à frase 1 na forma como é apresentada, mas diferente na sua semântica, visto que, quando se percebe de forma muito profunda o que a mesma denota, entendemos que se descarta a ideia de morte ou de uma partida eterna, apontando mais para o sentido de o Miguel ter ido prévia ou inesperadamente para um lugar em que o contexto da enunciação da sentença ajuda a determinar.

Pesquisador de estudos diacrônicos do verbo ir, Gonçalves (2012, p. 408) diz que,

outros estudos, de natureza sincrônica, realizados acerca da gramaticalização do verbo ir (Almeida, 1980; Silva, 2002 e Fonseca, 2010), atestam que este verbo sofreu um “esvaziamento de traços” do seu significado inicial de deslocamento, sendo recategorizado como verbo auxiliar, quando seguido de um verbo principal, exprimindo a noção de futuridade.

Aqui, estaríamos a falar de locução verbal que abarca a conjugação perifrástica e os tempos compostos em que o verbo ir desempenha o papel de auxiliar, visão partilhada por Cunha & Cintra (1985, p.385) quando chamam de locução verbal “o conjunto formado por verbo auxiliar mais verbo principal”. Atente os seguintes exemplos:

A criança **vai choramingando**, enquanto caminhava. (conjugação perifrástica).

Não está a dar certo, agora, **vou procurar** um emprego. (conjugação composta).

Ainda, na senda das extensões semânticas das predicções com verbo predicador ir, recorreremos ao estudo realizado por Oliveira (2010, pp.334-335), nas frases como:

Frase 4: Ele foi ao médico.

Frase 5: Fui para uma festa.

Frase 6: Foi no enterro.

Frase 7: Você tinha que ir para missa.

Frase 8: Foi à olimpíada.

Frase 9: Cinco folhas do calendário de 2003 já foram para o lixo.

Frase 10: Se essa quantia for para o Tesouro.

Para explicar as especificidades que o verbo ir assume nas frases acima, Oliveira<sup>12</sup> (idem) apresenta a seguinte abordagem:

Os exemplos supracitados apresentam argumentos que não satisfazem às restrições de seleção de ir. No exemplo (4), observa-se que o constituinte ao médico não compartilha características com um locativo autêntico como ao hospital em que se verificam traços como [- animado] e [- humano]. Os exemplos (5), (6), (7) e (8) exibem, respectivamente, os itens festa, enterro, missa e olimpíadas em posição de um locativo; no entanto, esses termos apresentam características de eventos<sup>3</sup> que ocorrem em determinado lugar, ou seja, festa é um evento que pode acontecer num clube, salão, discoteca etc., enterro, num cemitério, missa, numa igreja, e olimpíadas, em dada cidade. Nos exemplos (9) e (10), notam-se termos que não possuem a capacidade de controlar uma ação (folhas / quantia) na posição de sujeito e elementos sem propriedades de um locativo (lixo / Tesouro).

Portanto, a exposição feita, aqui, sobre o verbo ir, demonstrou que o mesmo que pode assumir vários significados, ou seja, é polissêmico, deixando de assumir unicamente a tradição que lhe é atribuída que é a de denotar a movimentação de agente de um lugar para o outro. Portanto, a nosso ver, fica também registado, que a sua carga semântica é convenientemente determinado no contexto discursivo entre os interlocutores.

### **3.5- Enunciado das questões do exame de ingresso/2019 da EPD**

O enunciado (anexo1) apresentava uma estrutura que podemos considerar estar compartimentada em quatro grupos como: I- O texto, II- Análise e interpretação do texto, III- Funcionamento da língua e IV- Composição.

O texto é o elemento fundamental, não só para avaliação, mas também para as aulas na disciplina de LP. O texto deve funcionar como pretexto para o ensino da LP em todos os níveis, pois ele ajuda a contextualizar os conteúdos ministrados para que os mesmos ganhem significado ou tenha uma relação para o dia-a-dia do aprendente. Recomenda-se que, quando for aplicada uma prova de LP seja por meio

---

<sup>12</sup> Os números que vêm na citação seguinte foram alterados apesar da mesma ser directa, apenas para não confundir a sequenciação numérica das frases do nosso trabalho. Portanto, ao invés de os números estarem representados em 7,8,9,10,11,12 e 13; nós adaptamo-los por 4,5,6,7,8,9 e 10 pelas razões já apresentadas.

de um texto, para que por meio dele se possam explorar as habilidades preconizadas, portanto, quanto ao texto concordamos com a sua inserção no enunciado das questões em referência.

O segundo grupo, exploração ideológica do texto, tradicionalmente conhecida como análise e interpretação do texto, visa testar a compreensão que o indivíduo a ser avaliado apresenta depois de ler o texto. Neste sentido, as perguntas podem variar desde a exploração de recursos expressivos, perguntas directas (que facilmente se pode compreender e responder), comentários sobre o texto ou algum trecho, entre outras.

A terceira parte trata do funcionamento da língua onde são testados conhecimentos referentes que os alunos ou indivíduos por avaliar possuem dos conteúdos gramaticais. E é a partir daqui que no enunciado em causa, surge a 3ª pergunta “conjuga o verbo ir no presente do indicativo”, parece ser fácil para quem lê o enunciado, mas para quem teve o dever de fazer o teste foi um exercício dos mais difíceis, segundo o que poderemos ver mais adiante nas nossas exposições. De realçar que este exercício foi como uma bênção para nós, pois eram tantos desvios na conjugação do verbo ir no presente do indicativo que nos fez colocar as atenções neste elemento, apesar de nos testes ser possível diagnosticar outros elementos como plural vazio, entre outros.

Finalmente, o enunciado apresenta o quarto bloco com uma única actividade: composição. Em 15 linhas solicitava-se que os ingressantes dissertassem sobre a importância da cultura na sociedade. Frisar que, a composição feita pelos ingressantes serviu-nos como elemento de comparação dos desvios observados na conjugação verbal a que a 3ª pergunta fazia referência. Os ingressantes ao escreverem as suas composições não recorreram aos sinais de pontuação como elemento de separação entre o pronome (sujeito) e o verbo (predicado) como se diagnosticou na conjugação verbal. (Ver a partir da exposição 1 – 46).

### **3.6- Apresentação dos dados observados**

O presente capítulo é resultado do trabalho de campo, onde observamos dados que apontam o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019. Entre esses dados, destacamos a conjugação verbal como sendo das áreas que mais observamos o desvio daquilo que se esperava como resultado nas provas que tomamos como corpus de análise da nossa pesquisa.

A apresentação a que nos propusemos fazer, trás apenas um exemplo de cada um dos fenómenos diagnosticados nas provas dos candidatos em estudo. O nosso posicionamento é justificado por causa de questões económicas.

**Tabela n°1-** uso de sinais na conjugação verbal.

<p>Eu - vou      Tu - vais      Ele - vai      * Plural *      Nós - vamos      Vós - vós      Eles - vão</p>	<p>Eu: Irá      Tu: Iras      Ele: Ira      Nós: Irámos      Vós: Irá      Eles: Irão</p>	<p>Eu = Vou      Tu = Vá      Ele = Vai      Eles = Vão</p>	<p>eu → Vou a escola      tu → Vais a escola      ele → Vai a escola      nós → Vamos a escola      vós → Vós a escola</p>
---	---	---	--

Fonte: elaboração própria.

**Tabela n°2-** uso do pronome "vós" nos exercícios de conjugação verbal.

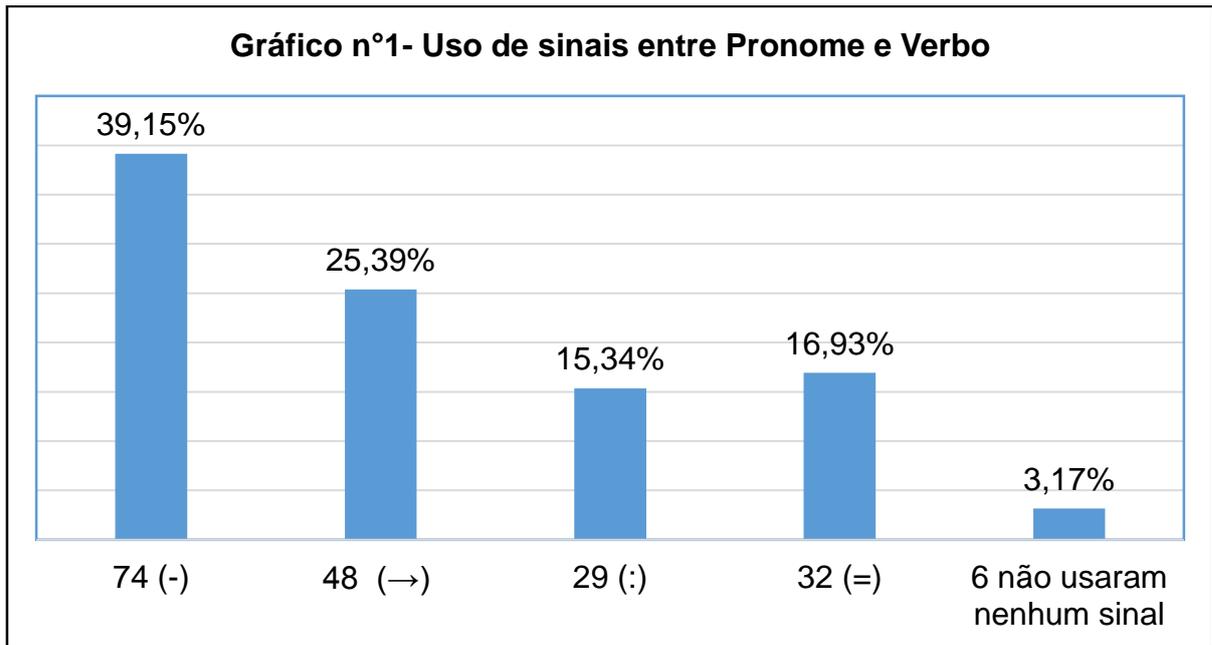
<p>Eu - Vou      Tu - Vais      Ele - Vai      Nós - Vamos  <u>vós - Vais</u>      eles - vão</p>	<p>Eu - vou      Tu - vais      Ele - vai      Nós - vamos      Vós - vós      Eles - vão</p>	<p>Eu vou      Tu vais      Ele vai      Nós vamos  <u>vós</u>      Eles vão</p>	<p>Eu - vou      Tu - vais      Ele - vai      Nós - vamos      Eles - vão  <u>vós - Vais</u></p>
---	---	--	---

Fonte: elaboração própria.

### 3.6.1- Informações obtidos a partir dos dados observados

Tal como dissemos anteriormente, este capítulo faz referência a verbos porque o diagnóstico que nos propusemos levar a cabo mostrou que esta é das áreas com mais desvios no nosso corpus de análise.

### 3.6.1.1- Primeira informação



Fonte: elaboração própria.

#### **Apresentação e reflexão do gráfico nº1**

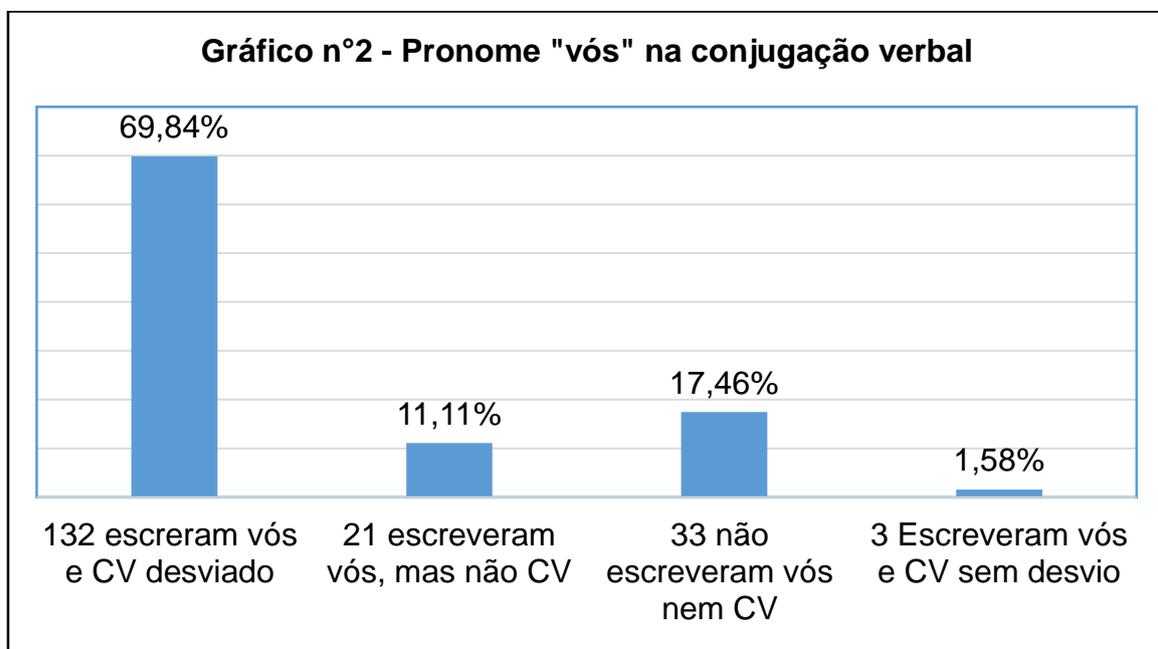
183 candidatos correspondentes a 96,82% conjugaram o verbo ir no presente do indicativo separando o sujeito do predicado, ou seja, entre os pronomes pessoais (sujeito) e a forma verbal (predicado) o elo sempre foi: hífen (-) com uma percentagem de 39,15%; seta (→) com uma percentagem de 25,39%; dois pontos (:) com uma percentagem de 15,34%; sinal de igualdade (=) com uma percentagem de 16,93% e apenas 6 candidatos não utilizaram nenhuma sinal representando uma percentagem de 3,17%.

Da tabela nº1, podemos fazer muitas reflexões. Em nenhum momento poderíamos imaginar de que os sinais de pontuação ou o sinal de igualdade (=) poderiam estar inseridos como elementos de ligação entre o pronome e a forma verbal num exercício como a que os candidatos foram submetidos. Pelo número de ocorrências, a nossa reflexão demarca-se da ideia de que tenha sido uma distração. Apesar de termos afirmado neste trabalho de que as metodologias de ensino de LP em Angola são baseadas sobretudo nas da L1, ou seja, tal como todos os nativos a tivessem adquirido já na tenra idade, para o desvio em referência, a nossa reflexão aponta para questões de fórum metodológicas, ou seja, os candidatos apenas resolveram este exercício tal como, lhes foi ensinado quando o exercício fosse conjugação verbal. Somos a deixar claro, quanto a este assunto que o desvio não foi originado pelo facto de muitos dos candidatos serem bilingues. A base de desvio, a

nosso ver, tem a ver com as metodologias aplicadas no ensino da conjugação verbal nos ciclos que antecedem ao superior.

Os dados observados opõem-se quando comparamos a conjugação verbal isolada do texto da conjugação verbal no texto. A conjugação dentro do texto, conforme os trechos acima, nenhum dos candidatos ligou o sujeito ao predicado utilizando um dos sinais de pontuação tal como na conjugação verbal isolada do texto. A nossa reflexão leva-nos a pensar que para a maior parte dos candidatos existam duas formas de conjugação verbal: a primeira é a conjugação como um exercício normal descontextualizado e que os sinais de pontuação ou de igualdade sejam necessariamente obrigatórios. A segunda forma é a conjugação verbal não necessariamente um exercício, mas como elemento indispensável para a formação de orações e de textos curtos ou longos, em que os sinais não sejam necessários. Portanto, reitera-se, aqui, a necessidade de se adoptar metodologia de linguística textual, que “defende o texto como elemento mais global e profícuo em que uma L1 ou não deve ser reflectida e analisada para que se tirem os maiores benefícios”, Buca (idem), do processo de ensino-aprendizagem, até porque, inconscientemente, os candidatos em referência, não apresentaram desvios da conjugação verbal no texto.

### 3.6.1.2- Segunda informação



Fonte: elaboração própria.

## Apresentação e reflexão do gráfico nº2

132 candidatos com cerca de 69,84% escreveram o pronome “vós” e conjugaram o verbo, mas de forma desviante.

21 candidatos com a percentagem de 11,11% escreveram o pronome “vós”, mas não conjugaram o verbo.

33 candidatos com 17,46% não escreveram o pronome “vós” e, conseqüentemente, não conjugaram o verbo.

Apenas três candidatos 3, num universo de 189, escreveram o pronome “vós” e conjugaram o verbo sem desvio, com uma cifra percentual de 1,58%.

O desvio da marcação do pronome pessoal “vós” na conjugação verbal em referência, a nossa reflexão leva-nos para questões linguísticas. A conjugação verbal associada ao pronome da segunda pessoa do plural “vós” está em desuso, ou seja, quase não existe na variante Leste do Português Angolano (PA), em construção. Mas esse fenómeno linguístico da pouca ou não ocorrência do pronome da 2ª pessoa do plural tende a ser uma realidade do português falado em outras regiões angolanas. Há uma tendência de uso do pronome você para a 2ª pessoa tanto do singular como do plural e evitando “tu”. Adriano (2014, p. 265) diz que “em Angola, o pronome – você – ocorre igualmente em alguns contextos em que se esperava o pronome tu, isto é, de pais para filhos, de avós ou tios para sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas e, em certas famílias, de filhos para pais”. Nesta linha de pensamento, pudemos perceber o pensamento do Figueiredo & Oliveira (2013, p. 134) quanto a temática em questão, quando dizem que

Um aspecto a ter também em consideração é o fato de os falantes do Libolo, a exemplo do que vem sucedendo de forma generalizada no Português de Angola, recorrerem indiscriminadamente às formas “tu” e “você” para situações de tratamento informal, associando um dos pronomes à forma verbal do outro. A tendência preferencial no cruzamento pronome/forma verbal é a do uso do pronome sujeito “você” e a forma verbal referente a “tu”.

Então **você** és traidor, lhe matam.

Nem vale a pena **vocês** continuar ligar para este número.

Depois de **vocês** aprender falar umbundo começa já a vos dividir.

Depois de eles aprenderem a falar umbundo, começam logo a dividi-los.

Com isso, chegamos à reflexão de que haja uma tendência de substituição em algumas variantes do PA do pronome da 2ª pessoa do singular “tu” por “você”, apesar de este fenómeno não ser observado no nosso corpus. Portanto, o pronome da 2ª pessoa do plural “vós” com a tendência de ser substituída por “vocês”. Talvez, se no enunciado da prova aplicada na EPD para o ingresso/2019 tivesse pergunta para criação de textos narrativos com personagens interagindo fosse possível identificar a substituição dos pronomes em referência. O desvio observado acerca do pronome “vós”, a nosso ver, é pelo facto de as gramáticas tradicionais apresentarem os pronomes pessoais rectos<sup>13</sup> “eu” ; “tu” ; “ele/ela” ; “vós” ; “eles/elas” como os principais a serem utilizados na conjugação verbal e os candidatos ao estarem limitados, sem manobras para substituir, a solução encontrada para o exercício tinha passado por não escrever o pronome “vós” ou improvar desviadamente a sua conjugação verbal.

### 3.7- Dados do material didáctico de LP do Ensino Primário (EP)

Antes de mais, foi-nos importante observar os programas de LP a partir do EP ao médio e os materiais didácticos utilizados pelos alunos juntamente com os professores. Quanto aos programas de LP da 5ª e 6ª Classes, o conteúdo dos verbos aparece nas situações em o foco maior sempre é o domínio do vocabulário.

Quanto aos materiais didácticos, começemos com manual de LP da 3.ª Classe, Carvalho (2009, p.20) onde se introduz conteúdos que têm a ver com os verbos, nomeadamente a definição, a sua classificação, a conjugação e por último alguns exercícios. Sobre a conjugação verbal servimo-nos das seguintes ilustrações extraídas do mesmo manual:

**Ilustração 1-** Conjugação do verbo ser nos três tempos naturais, passado, presente e futuro.

5. Observa:

		Pretérito ou Passado	Presente	Futuro
Singular	eu	fui	sou	serei
	tu	foste	és	serás
	ele, ela	foi	é	será
Plural	nós	fomos	somos	seremos
	vós	fostes	sois	sereis
	eles, elas	foram	são	serão

**Ilustração 2-** Exercícios:

<sup>13</sup> Aqueles que desempenham principalmente a função de sujeito. Cf. Cunha & Cintra (1985, p. 205)

### 6. Agora completa as frases com o verbo ser.

- Ontem \_\_\_\_\_ estudante.
- Hoje \_\_\_\_\_ estudante.
- Amanhã \_\_\_\_\_ enfermeira.

**Ilustração 3-** Ainda sobre os verbos, pode extrair-se, do mesmo manual, outros dados, na página 38:

#### 4.1. Completa:

	Verbo ter		Verbo comer
eu	tenho	eu	como
tu		tu	
ele	tem	ele	come

#### Ilustração 4- Exercícios.

#### 4.3. Observa os quadros, desenha-os e completa-os com os verbos **ter** e **comer**.

a)

		Tempo Presente	Tempo Futuro	Tempo Pretérito Perfeito
Singular	eu	tenho		tive
	tu	tens	terás	tiveste
	ele, ela			
Plural	nós			
	vós	tendes	tereis	tivestes
	eles, elas			

**Ilustração 5-** Na página 39 do mesmo manual:

b)

		Tempo Presente	Tempo Futuro	Tempo Pretérito Perfeito
Singular	eu	como	comerei	comi
	tu		comerás	comeste
	ele, ela	come		
Plural	nós			
	vós			comestes
	eles, elas		comerão	

**Ilustração 6-** Observa-se na página 56:

#### B. Observa o quadro e completa com ajuda do teu professor.

Verbo Ir		
Presente	Pretérito Perfeito (passado)	Futuro
eu vou	eu fui	eu irei
tu vais	tu foste	tu irás
ele vai	ele _____	ele _____
nós _____	nós _____	nós _____
vós ides	vós fostes	vos ireis
eles _____	eles _____	eles irão

Na gramática de LP, da 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Classes de Lopes (2012) observamos dados sobre os verbos entre as páginas 83-108, onde a autora vai muito além ao definir, apresenta várias classificações e particularidades atinentes aos verbos, conjugação e exercícios de aplicação.

Quanto à conjugação verbal e aos exercícios de aplicação, extraímos os seguintes dados:

**Ilustração 7-** Conjugação na página 98 dessa gramática:

**Modelo de conjugação de um verbo da 1.ª conjugação**

Tema em -a - cantar

MODOS	Tempos simples					Formas nominais	
	Presente	Pret. imperf.	Pret. perf.	Pret. m.-q.-perf.	Futuro	Pessoal	Impessoal
<b>Indicativo</b>	canto	cantava	cantei	cantara	cantarei	cantar cantares cantar cantarmos cantardes cantarem	cantar
	cantas	cantavas	cantaste	cantaras	cantarás		
	canta	cantava	cantou	cantara	cantará		
	cantamos	cantávamos	cantámos	cantáramos	cantaremos		
	cantais	cantáveis	cantastes	cantáreis	cantareis		
cantam	cantavam	cantaram	cantaram	cantarão			
<b>Conjuntivo</b>	cante	cantasse			cantar	cantando	cantado
	cantes	cantasses			cantares		
	cante	cantasse			cantar		
	cantemos	cantássemos	—	—	cantarmos		
	canteis	cantásseis			cantardes		
cantem	cantassem			cantarem			
<b>Condicional</b>	cantaria						
	cantarias						
	cantaria						
	cantaríamos						
	cantáreis						
cantariam							
<b>Imperativo</b>	canta						
	cantai						

**Ilustração 8-** Exercício na página 99:

**Exercícios de aplicação**

1 Classifica as formas verbais, indicando a pessoa, o número, o tempo e o modo. Segue o modelo.

- eles falam: verbo falar, na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo.
- eles governavam: \_\_\_\_\_
- nós comeríamos: \_\_\_\_\_
- eles pusessem: \_\_\_\_\_
- tu partiras: \_\_\_\_\_
- ele telefonou: \_\_\_\_\_
- que eu gaste: \_\_\_\_\_
- tu falarás: \_\_\_\_\_

2 Escreve os verbos nos tempos e modos indicados.

- sofrer → 2.ª pessoa do singular do futuro do indicativo: \_\_\_\_\_
- ganhar → 3.ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo: \_\_\_\_\_
- correr → 1.ª pessoa do singular do presente do conjuntivo: \_\_\_\_\_
- cobrir → 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo: \_\_\_\_\_
- escrever → 2.ª pessoa do plural do imperativo: \_\_\_\_\_
- partir → 3.ª pessoa do plural do condicional: \_\_\_\_\_
- ler → 2.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo: \_\_\_\_\_
- socorrer → 2.ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do conjuntivo: \_\_\_\_\_

**Ilustração 9-** Exercício na página 103:

**Exercícios de aplicação**

2 Reescreve as frases, substituindo os grupos nominais assinalados por um pronome pessoal.

**Ela visitou o João.**  
**Ela visitou-o.**

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ele reparou <b>a bicicleta</b>. Ele _____.</li> <li>2. Tu compras <b>a fruta</b>. Tu _____.</li> <li>3. Ele faz <b>os exercícios</b>. Ele _____.</li> <li>4. Eles viram <b>aquele filme</b>. Eles _____.</li> <li>5. Nós tratamos <b>as árvores</b>. Nós _____.</li> <li>6. Eles fazem <b>uma corrida</b>. Eles _____.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>3. Amanhã comeremos <b>o bolo</b>. Amanhã _____.</li> <li>4. Eles comprarão <b>os bilhetes</b>. Eles _____.</li> <li>5. No próximo mês festejarei <b>os meus anos</b>. No próximo mês _____.</li> <li>6. Quando sair, fecharei <b>as janelas</b>. Quando sair _____.</li> </ol> <p>5 Mesmo exercício.</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 10px auto;"> <p style="text-align: center;"><b>Proponho que vistas a saia.</b> <b>Proponho que a vistas.</b></p> </div> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Desejo que faças <b>a viagem</b>. Desejo que _____.</li> <li>2. Peço-te que trates <b>o animal</b>. Peço-te que _____.</li> <li>3. É preciso que vejas <b>este programa</b>. É preciso que _____.</li> </ol>
---	--

### 3.7.1- Informação do material didáctico de LP do EP

- A conjugação verbal bastante presente no material didáctico de LP do EP.
- Os pronomes e as formas verbais estão sempre quase delimitados por tabelas em que os pronomes aparecem na coluna a esquerda e as formas verbais na coluna a direita, tal como se pode ver nas **ilustrações 1, 2, 3, 4, 5 e 7**.

- A conjugação verbal é feita sem o recurso ao texto. Os verbos são conjugados isoladamente tal como se todos fossem intransitivos. Tal facto é visível nas **ilustrações 1, 3, 4, 5, 6 e 7**.

- Os exercícios de aplicação tomam a frase como a unidade máxima de análise linguística para a consolidação dos conhecimentos da conjugação verbal por parte dos alunos, como espelha as **ilustrações 2, 8 e 9**.

### 3.8- Informação dos materiais didácticos do II Ciclo do Ensino Secundário Geral e Profissional

Os programas de LP, tanto do I como do II Ciclos do Ensino Secundário Geral e Profissional, estão recheados de subtemas que abordam sobre os verbos assim como a sua conjugação. Sem oposição, essa realidade é também constatada nos manuais de LP desses ciclos, ou seja, os verbos estão sempre presentes no capítulo do bloco gramatical como conteúdo importante a que os professores e alunos devem obrigatoriamente trabalhar. Por conseguinte, quando se trata do funcionamento da língua, raras vezes os verbos são deixados de parte segundo o que se reteve dos materiais analisados.

Sabemos que entre o sujeito (pronome, nome ou uma expressão a desempenhar este papel) e predicado (forma verbal) não se deve colocar qualquer sinal de pontuação. A pergunta que se coloca é a seguinte: o que faz com que 96,82% dos ingressantes tomados como amostra tenham incorrido a tal desvio?

Para uma possível resposta ou reflexão a esta pergunta somos a recorrer às outras fontes, como por exemplo, os cadernos de alguns técnicos médios das escolas do II Ciclo do Ensino Secundário Geral ou Profissional sediados na Província da Lunda Norte, na sua maioria no Dundo, capital provincial, local onde se levou a cabo esta investigação.

É-nos importante deixar claro que, tratando-se de uma investigação de carácter diagnóstica, descartamos nela a possibilidade de entrevistar ou inquirir professores e alunos de diferentes níveis de ensino porque, somos da opinião de que com base no corpus selecionado para a comparação, isto é, materiais didácticos, programas, manuais e cadernos de alunos finalistas, podemos obter dados que apontem o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019, sendo esta, a hipótese do presente trabalho.

### **3.9- Informação obtida dos cadernos dos Técnicos Médios de algumas Escolas do II Ciclo do Ensino Geral e Profissional sediadas na província da Lunda Norte.**

Antes de mais é importante apresentar em termos quantitativos as fontes por onde recolhemos informações, como se pode ver na tabela abaixo:

**Tabela nº3 – Informação quantitativa dos finalistas.**

<b>Nº de finalistas</b>	<b>Nº de cadernos</b>	<b>Classes</b>	<b>Ano de conclusão</b>	<b>Escola</b>
1	3	10 <sup>a</sup> , 11 <sup>a</sup> e 12 <sup>a</sup>	2019	Liceu do Dundo
2	3	10 <sup>a</sup> e 11 <sup>a</sup>	2019	Escola de Formação Técnica de Saúde da Lunda Norte
2	8	10 <sup>a</sup> , 11 <sup>a</sup> , 12 <sup>a</sup> e 13 <sup>a</sup>	2019	Escola de Magistério do Dundo.
1	4	10 <sup>a</sup> , 11 <sup>a</sup> , 12 <sup>a</sup> e 13 <sup>a</sup>	2017	Escola de Magistério do Lucapa.
<b>Total</b> 6	<b>Total</b> 19	-	-	-

#### **Interpretação da tabela nº3**

A tabela acima ilustra as fontes de recolha de dados dos finalistas com as suas respectivas escolas, sendo que as Escolas de Formação Técnica de Saúde da Lunda

Norte e a de Magistério do Dundo são as que mais nos foram possíveis obter fontes, com cerca de dois (2) finalistas cada e um total de doze (11) cadernos, visto que a disciplina de LP é lecionada apenas na 10<sup>a</sup> e 11<sup>a</sup> na Escola de Formação Técnica de Saúde da Lunda Norte e na 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup>, 12<sup>a</sup> e 13<sup>a</sup> na de Magistério do Dundo no curso de LP, pois foi o que cursaram os estudantes pelos quais tivemos acesso aos cadernos. Nas restantes escolas, conforme a tabela, somente foi possível ter informações de um (1) finalista cada e um total de sete (7) cadernos sendo que, a LP é lecionada no Liceu na 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classe e o currículo da Escola de Magistério do Lucapa é igual ao do Dundo.

Limita-nos a trabalhar com dados fornecidos por esses finalistas porque foram os únicos que nos puderam fornecer conteúdos completos, ou seja, cadernos organizados e muito bem conservados.

Após a observação dos cadernos pudemos obter as seguintes informações:

### **3.9.1- Liceu do Dundo**

A partir dos cadernos da 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classe do finalista do **Liceu do Dundo**, não se obteve nenhuma informação referente à conjugação verbal, apesar de termos constatado algumas aulas que abordavam conteúdos verbais, nomeadamente, modos verbais, ainda fazendo menção ao condicional e infinitivo, tempos verbais assim como a classificação verbal. Em conversa com o finalista sobre a conjugação verbal dissemos que este conteúdo era destacado apenas como tarefa para casa que o seu professor deixava, realçando ainda que, para o seu antigo professor, era muito conteúdo que não teria tempo suficiente para o ministrar.

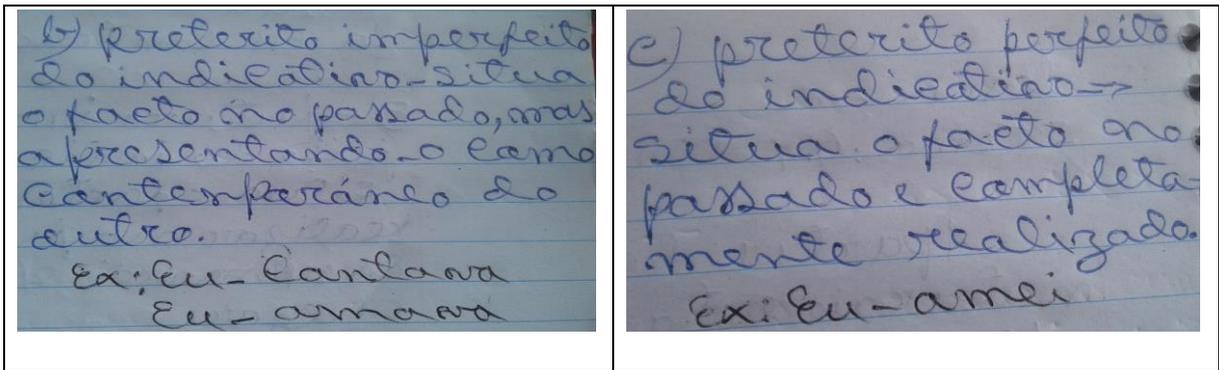
### **3.9.2- Escola de Formação Técnica de Saúde da Lunda Norte (EFTSLN)**

A partir dos quatro (4) cadernos dos dois (2) finalistas da **Escola de Formação Técnica de Saúde da Lunda Norte (EFTSLN)**, observamos que os conteúdos referentes aos verbos foram sempre destacados nas duas classes, mas que a conjugação verbal somente tinha sido abordada como anexa à aula de flexão verbal (tempos verbais) na 11<sup>a</sup> de uma forma muito superficial, como abaixo ilustram as fotos:

#### **Ilustrações 10 – 1º finalista da EFTSLN**

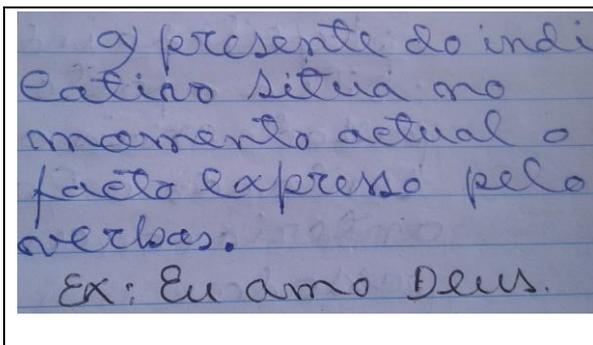
**1º finalista – A**

**1º finalista – B**

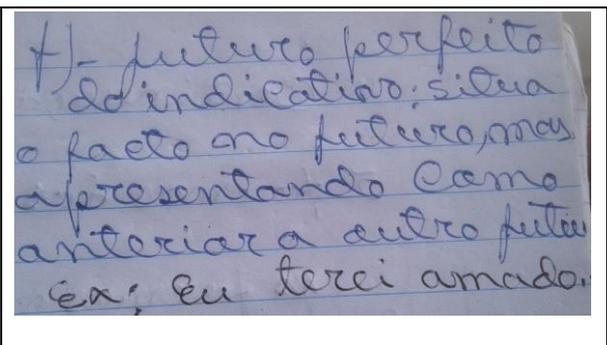


A partir da **ilustração 10** do 1º finalista da EFTSLN, no seu caderno da 10ª classe pudemos ver a exemplificação da aula dos tempos verbais, o professor terá marcado os verbos sem recurso ao texto, assim como a separação do pronome com a forma verbal por hífen. Ver 1º finalista – A e B.

#### 1º finalista – C



#### 1º finalista – D

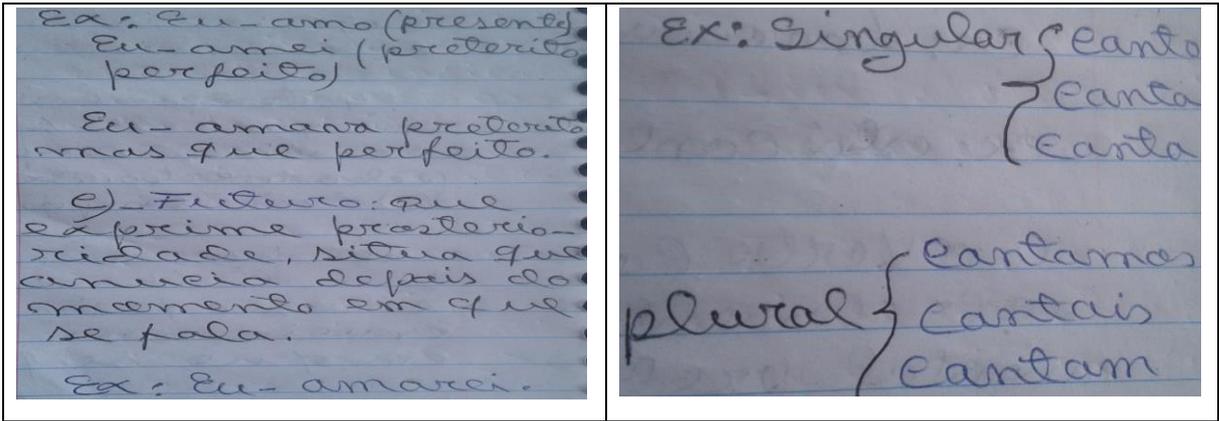


Ainda na **ilustração 10**, retirada no caderno do mesmo estudante da 11ª classe, especificamente em **1º finalista – C**, pudemos ver uma exemplificação em que o professor forma frase, mas que não separa o pronome (sujeito) do verbo (predicado) por meio de hífen. Na ilustração **1º finalista – D**, ao exemplificar tempo composto, o professor não separa o pronome do verbo por hífen. Para as duas ilustrações acima, **1º finalista – C e D**, podemos, aqui, deduzir que houve melhorias por parte do aluno ou por parte do professor quanto aos elementos já frisados. Uma outra ideia que podemos apontar é o facto de os mesmos terem uma ideia, a nosso ver, de que quando se forma frase o sujeito e o predicado não devem estar separados, ao contrário de quando se está a conjugar um verbo sem recurso à formação de frases.

#### Ilustrações 11 – 2º finalista da EFTSLN

##### 2º finalista – A

##### 2º finalista – B



A **ilustração 11** retirada no caderno da 10ª classe do **2º finalista da EFTSLN**, podemos ver em **2º finalista – A**, tratando-se da aula de tempos verbais, recorreu-se a exemplificação da flexão de alguns verbos, mas que o hífen é colocado como elemento separador entre o pronome e a forma verbal. Em **2º finalista – B**, a conjugação verbal é feita sem recurso a hífen, talvez pelo facto de não estarem explícitos os pronomes pessoais. Nas duas ilustrações não fez recurso às frases para exemplificação da conjugação verbal.

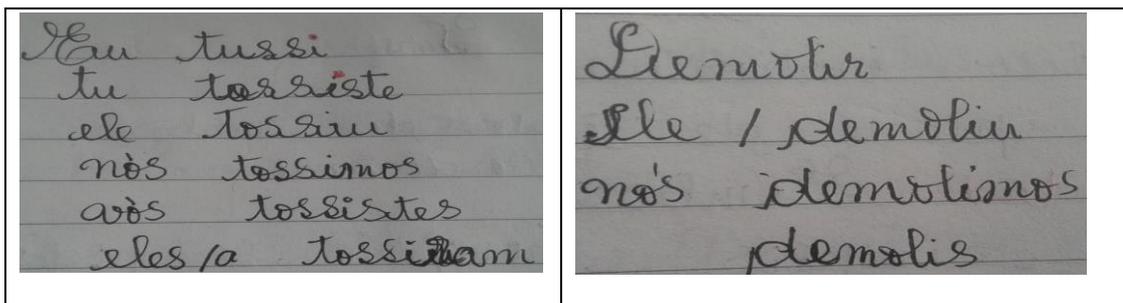
**3.9.3- Escola de Magistério do Dundo (EMD)**

A partir dos cadernos da (10ª, 11ª, 12ª e 13ª classes) dos dois finalistas da **Escola de Magistério do Dundo** pudemos observar que os conteúdos de verbos tinham sido abordados por diversas vezes, ou seja, da primeira à última classe, mas que a conjugação verbal como tal foi sempre uma actividade não muito relevante, segundo o depoimento oral das nossas fontes. Outrossim, numa das aulas da 12ª classe com o subtema flexão verbal, observamos a ocorrência da conjugação verbal como uma actividade exclusivamente da tarefa para casa, em que o professor mandara os alunos conjugar o verbo tossir no pretérito perfeito simples do modo indicativo e verbo abolir, conforme ilustram as fotografias abaixo:

**Ilustração 12 – 1º finalista da EMD**

**1º finalista-A**

**1º finalista-B**

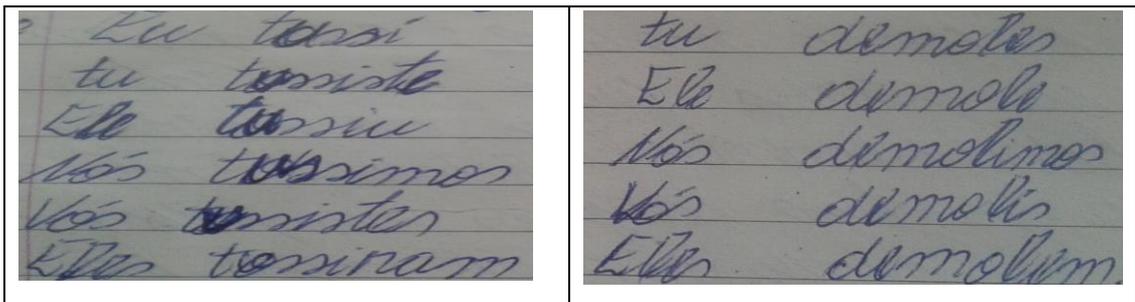


A **ilustração 12** do caderno da 12ª classe podemos ver em **1º finalista-A** a conjugação do verbo tossir em que não houve a separação do pronome com a forma verbal com recurso ao hífen nem tampouco se usou um outro separador. O mesmo sucede com a ilustração **1º finalista-B**, em que se conjuga o verbo demolir. Ainda neste, podemos observar a utilização de uma barra que, a nosso ver, teria sido usada para incluir tanto o género masculino como feminino na flexão verbal, mas que o aluno ter-se-á se esquecido de grafar a vogal “a” depois da barra, o que estaria representada por (ele/a). É-nos importante dizer que apesar de o aluno não usar nenhum separador (-, :, →, etc.), a ideia da separação entre o pronome e a forma verbal está presente, pois vê-se um espaçamento anormal entre os pronomes e as formas verbais o que para se pode levar a afirmar que, para esse aluno, implicitamente havia colunas divisoras entre os elementos como na ilustração 1, 2, 4 e 5.

**Ilustração 13 – 2º finalista da EMD**

**2º finalista – A**

**2º finalista – B**



A **ilustração 13** do caderno da 12ª classe pudemos observar que tanto em **2º finalista-A** assim como **2º finalista-B**, houve o que sucedeu com as ilustrações **1º finalista-A** e **1º finalista-B**.

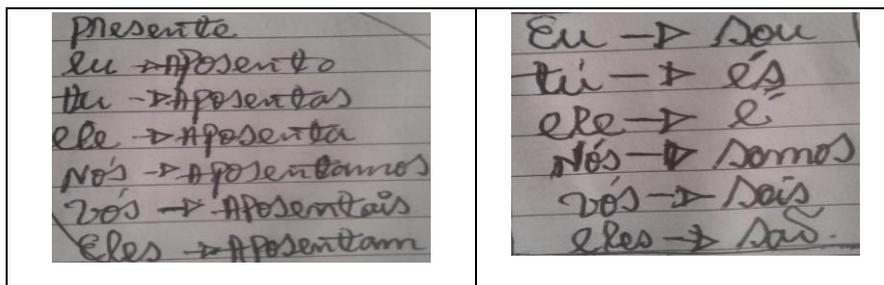
**3.9.4- Escola de Magistério do Lucapa (EML)**

A partir dos cadernos do finalista da **Escola do Magistério do Lucapa** a que tivemos acesso, observamos o seguinte:

**Ilustração 14- finalista da EML**

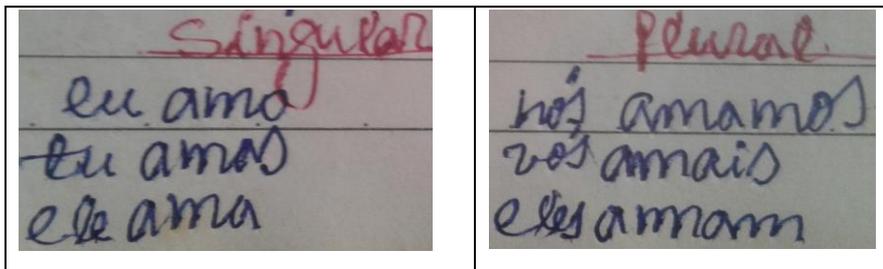
**finalista da EML-A**

**finalista da EML-B**



A **ilustração 14** feita no caderno da 10ª classe do finalista da EML, podemos observar que tanto em **finalista da EML-A** assim como **finalista da EML-B**, o aluno faz a sua conjugação usando uma seta para separar o pronome (sujeito) do seu predicado (verbo). Fica tangente que a sua conjugação era algo muito desconectada com a conjugação verbal que ocorre em frases normais nos textos ou discursos orais.

#### Finalista da EML-C



No caderno da 11ª classe do mesmo aluno, podemos ver a ilustração **finalista da EML-C**, que o aluno não utiliza na sua conjugação nenhuma marca para separar o pronome do verbo, o espaço entre os elementos (pronome e verbo) razoável apesar de não ter colocado o objecto directo a que o verbo, neste caso obrigava.

#### Finalista da EML-D

\* **indicativo** → apresenta o enunciado como real.  
Ex.: eu amo, eu tenho amado,

#### Finalista da EML-E

\* **Conjuntivo** → apresenta o enunciado como possibilidade de desejo, eventualidade ou hipótese.  
Ex.: eu talvez ame, se amasse seria feliz.

#### Finalista da EML-F

**1- presente** situa no momento actual o facto expresso pelo verbo.  
Ex.: Eu canto; Ele quer que eu cante.

#### Finalista da EML-G

**pretérito imperfeito** → situa o facto no passado, mas considerando contemporâneo de outro também passado.  
Ex.: Nós cantávamos quando eles chegaram.  
- Afesta recorria alegremente, quando chegou a notícia.

No caderno da 12ª classe do aluno da EML, constatamos que houve uma melhoria significativa quanto ao assunto dos verbos. Apesar de não se tratar da conjugação verbal como tal, vê-se nas ilustrações **finalista da EML-D, E, F e G** que

na aula de tempos e modos verbais há exemplificação da conjugação verbal sem recurso a nenhum sinal de pontuação para separar o pronome (sujeito) do verbo (predicado). Uma outra nota aqui, é o facto de o aluno alternar os seus exemplos, ora formando frases ora não (**finalista da EML-D, E e F**), somente em **finalista da EML-G** vemos o aluno a formar frases sem essa alternância da forma de exemplificação. Portanto, fica-nos a ideia de que o finalista do Lucapa terá, de facto, evoluído consideravelmente quanto às matérias de conjugação de verbos, deixando-nos a dúvida se terá sido o seu professor o impulsionador dessa evolução.

## Considerações finais

Na fundamentação teórica desta investigação foram definidos os principais conceitos que nortearam a nossa abordagem. Ao desenvolvimento, foram, de igual modo, apresentadas algumas contribuições particulares em espécie de sugestões a serem seguidas para o tratamento de cada uma das matérias em concreto.

A par das contradições sobre a uniformização das metodologias de ensino de LP num contexto linguisticamente heterogéneo, como é o nosso, está a eficácia do ensino dos conteúdos gramaticais desprovidos de contextualização, dito em outras palavras, assiste-se a um ensino gramatical em que se toma excessivamente a palavra, algumas vezes a frase, como a unidade máxima de análise dos conteúdos a serem debatidos na sala de aula. A sala de aula é um ambiente em que os recursos existentes ou não, fazem do professor um verdadeiro inspirador da criatividade.

A insuficiência de estratégias adequadas para o ensino da conjugação verbal e o desconhecimento das regras de uso dos sinais de pontuação na escrita podem ser associados ao que o diagnóstico ao nosso corpus de análise expõe quanto à conjugação verbal. As informações a que pudemos obter de todos os dados, desde os manuais do ensino primário aos cadernos dos finalistas de diferentes escolas do II Ciclo de Ensino Secundário e Profissional, exceptuando a de Magistério do Dundo, revelam que a separação do sujeito do predicado com recurso ao hífen (-), dois pontos (:) ou a seta (→) é um desvio que os candidatos aos cursos superiores da EPD/2019 trazem desde as classes ou ciclos antecedentes ao superior. Trata-se de uma questão de uso de uma metodologia desajustada para o ensino da conjugação verbal e até mesmo a falta de planificação de aulas que falem apenas da conjugação verbal, pois os cadernos dos finalistas a que tivemos a oportunidade de observar levaram-nos a esta reflexão.

Por meio dos resultados obtidos, as nossas hipóteses de “ a partir da observação realizada queremos obter dados que apontem o nível; a maioria dos candidatos apresenta dois níveis distintos em relação à conjugação verbal” ficaram confirmadas, uma vez que obtivemos dados que traduzem a inexistência de documentos metodológicos que orientem o trabalho dos profissionais da educação que trabalham com a LP como L2, assim como alguns conteúdos gramaticais, neste caso a conjugação verbal. Portanto, o nível da conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019, apresenta desvios corrigíveis que devem partir nas metodologias aplicadas pelos professores no ensino desta temática.

Pelas informações obtidas no corpus selecionado para esta pesquisa, não podíamos terminar sem termos a fé de que as portas se venham a abrir (bolsa de estudo) para darmos sequência a nossa pesquisa em outras instituições de ensino, tanto geral como superior e, com isso, apresentarmos uma sugestão de ensino-aprendizagem da conjugação verbal baseada nos pressupostos da linguística textual. De frisar, que a nossa futura pesquisa deverá centrar-se nas abordagens sobre o ensino-aprendizagem dos verbos, tanto no ES como no ensino primário e I CES, sendo esses últimos, os níveis iniciais onde, pensamos que os alunos deveriam aprender e consolidar as matérias que têm a ver com a conjugação verbal.

## Breves sugestões

A partir desta investigação e dos seus resultados, vê-se que é importante tecer algumas sugestões do que nos parece possível melhorar e em outros casos alterar no processo de ensino-aprendizagem de LP como L2 em Angola, com o propósito único de ver melhorada a situação do sector da educação como um todo, uma vez que a língua (objecto) de comunicação da transmissão dos conhecimentos académicos ainda é unicamente o português.

Há nesta investigação opiniões de diversos autores com as quais corroboremos sobre a necessidade de ver ou criar metodologias próprias para o ensino da LP como L2 no contexto angolano, assim como a inserção das línguas nacionais angolanas de origem bantu e dos grupos Khoi-San no sistema nacional de ensino lá onde a sua utilização é maioritariamente faladas em comparação com LP.

Pelos resultados obtidos dos dados observados sobre a conjugação verbal dos candidatos aos cursos da EPD/2019 tomados como corpus de análise chegamos às conclusões que nos levam a sugerir, urgentemente, a actualização dos manuais e da gramática da LP utilizados no ensino primário, porquanto a exposição/organização que estes fazem da conjugação verbal, levam-nos a crer que haja um incentivo na aprendizagem mecânica por parte dos alunos. A par disso, as metodologias aplicadas na leccionação dos conteúdos gramaticais no II ciclo como é o caso da conjugação verbal, onde a palavra e/ou frases descontextualizadas constituem como pretextos para a análise e desenvolvimento da aula de modo e tempos verbais ao invés do texto mais ou menos longo e contextualizado, fazem com que não haja uma aprendizagem significativa, como é esperado em cada ciclo de formação.

Portanto, somos também a sugerir que todas as melhorias e mudanças que vierem a ser feitas sobre as metodologias por nós apontadas para o ensino da LP em Angola, terão de olhar a língua como um fenómeno social, ou seja, tendo em conta a circunscrição territorial onde a mesma é falada, ganha novos significados e particularidades em consonância com a cultura dos habitantes.

## Referências<sup>14</sup>

- ADALBERTO, J. **Angolanos querem mais qualidade no ensino superior**. 2017. DW. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/angolanos-querem-mais-qualidade-no-ensino-superior/a-41490238>> Acesso aos 29 de Agosto de 2019.
- ADRIANO, P. S. **Tratamentos morfossintáticos de expressões e estruturas frásicas do Português de Angola: divergências em relação à norma europeia**. 2014. (Tese de doutoramento) na Universidade de Évora/Portugal . Évora: Universidade de Évora.
- ANDRADE, E. N., & da CUNHA, M. V. **Linguagem e acordos linguísticos em Aristóteles: Contribuições para uma educação artística, poética e retórica**. 2016. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/DEALEA>> Acesso aos 2 de Novembro de 2019.
- BORBA, F. S. **Uma Gramática de Valência**. 1996. São Paulo: Ática.
- BORREGANA, A. A. **Gramática - Língua Portuguesa**. 2005. Luanda: Texto Editores.
- BUCA, J. **Gramática no Texto - Interação Texto - Gramática nas Aulas de Português em contexto Multilingue**. 2018. Editora Templários.
- BUSSE, W., & Vilela, M. **Gramática de Valências**. 1986. Coimbra: Almedina.
- CANSIAN, G. L., & Porrua, R. P. **Português**. 2011. Curitiba.
- CARVALHO, F. d. **Língua Portuguesa 3.ª Classe**. 2009. Luanda: Texto Editores.
- CARVALHO, P. **Evolução e Crescimento do Ensino Superior em Angola**. 2018. Universidade Agostinho Neto, Luanda , Angola.
- CERVO, A. L., BERVIAN, P. A., & DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 2014. SP: 11ª Pearson Education do Brasil Ltda.
- CHAER, M., & GUIMARÃES, A. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. 2012. Lisboa.
- CHATIER, C. **A Aventura do Livro do Leitor ao navegador**. 1997. SP: Unesp.
- CITELLI, A. O., SOARES, I. d., BACCEGA, M. A., MOTTER, L. M., LIMA, S. M., & PINTO, V. B.. **Comunicação e Educação**. 1997. São Paulo: Moderna.
- COLUMBIÉ, Z. d., & YOBA, C. P.. **Orientação Profissional-Vocacional - Estratégia de Integração Funcional**. 2018. Luanda: ECO7.
- COSTA, A., & ANDRÉ, F. **Influência dos pais no Ensino e Aprendizagem da Leitura aos Alunos da 5ª Classe da Escola Primária do Muangovo**. 2015. Dundo.
- CUNHA, C., & CINTRA, L. F. **Breve Gramática do Português Contemporâneo**. 1985. Lisboa: Edições João de Sá da Costa, LDA.
- DIAMBO, F. P. **Relação Família e Escola: Rendimento Escolar dos Alunos**. 2017. Luanda: ECO7 - Investimentos, Limitada.
- DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA**. 2006. Luanda - Angola: Texto Editores.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. 2011. Porto/Portugal. Porto Editora
- ENCICLOPÉDIA (Junho de 2010). <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino>>
- FERNANDES, M. **Toda Matéria**. 2018. <<https://www.todamateria.com.br/verbos-defectivos>> Acesso aos 16 de Março de 2020
- FERRAZ, M. **Ensino da Língua Materna**. 2006. Lisboa: Caminho, SA.
- FILHO, D. **Prontuário. Erros corrigidos de Português**. 2011. Luanda: Texto Editores, LDA.
- GONÇALVES, A. **O processo de gramaticalização do verbo IR no português brasileiro: um estudo diacrônico**. 2012. Minas Gerais, Brasil: Domínios de

<sup>14</sup> Inseridas de acordo com a norma ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas)

- linguagem. Revista Eletrônica de Linguagem Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>> Acesso aos 15 de Fevereiro de 2020
- HUNGULO, J. H. **O ensino de qualidade e seus desafios essenciais**. 2019. Disponível em: <<https://www.angola24horas.com/index.php/opiniao/item/11030-o-ensino-de-qualidade-e-os-seus-desafios-essenciais>> Acesso aos 29 de Agosto de 2019.
- ILARI, R., & BASSO, R. M. **Verbo: Semântica do passado composto." Gramática do Português Culto Falado no Brasil"**. 2009. Brasil: Editora da Unicamp.
- INE. **Resultados definitivos Recenseamento Geral da População e Habitação-2014. Província da Lunda Norte**. 2016. Luanda-Angola: INE.
- INIDE. **Programas de Língua Portuguesa 10<sup>a</sup>, 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> Classes**. 2013. Luanda: Editora Moderna, S.A.
- INIDE. **Programa do I Ciclo de Língua Portuguesa**. 2019. Luanda: Editora Moderna.
- INSTITUTO DE LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. 2001. Lisboa: Editorial Verbo.
- KRIPKA, R. M., SCHELLER, M., & BONOTTO, D. d. (Julho - Dezembro de 2015). **Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização**. Disponível em: <<http://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/revista-de-investigaciones-unad/article/viewFile/1455/1771>> Acesso aos 16 de Outubro de 2019.
- KUNDONGENDE, J. **Crise e resgate de valores morais, cívicos e culturais na sociedade angolana**. 2013. Huambo: CERETEC.
- Lei 17/16 de 8 de Outubro, lei de Bases do Sistema de educação e Ensino, que estabelece os princípios e as bases do sistema de educação e ensino**. 2016. Luanda: Imprensa Nacional.
- LEIRIA, I. **Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino**. 1999. Instituto Camões. Disponível em: <<https://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>> Acesso aos 22 de Setembro de 2019.
- LEXICOGRAFIA, I. d. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo**. 2001. Lisboa - Portugal: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2006. SP: Cortez.
- LOPES, M. d. **Gramática da Língua Portuguesa 5.<sup>a</sup>/6.<sup>a</sup> classes**. 2012. Angola: Paralelo Editora INIDE.
- MACHADO, G. J. **Educação e Ciberespaço: Estudos, propostas e desafios**. (2010). Aracaju/Brasil: Virtus Editora.
- MESQUITA, H., & PEDRO, G. **Manual do Aluno - Língua Portuguesa 7<sup>a</sup> Classe** . 2014. Luanda - Angola: Editora das Letras, S.A.
- MIGUEL, M. H. **Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda**. 2014. Luanda: Mayamba.
- MONTEIRO, C. Viana, F., Moreira, E., & Bastos, A. **Avaliação da competência comunicativa oral no Ensino Básico: Um estudo exploratório**. 2013. Minho: Revista Portuguesa de Educação.

- MORGADO, A. M., MABIALA, F. S., & BAVECA, M. Nv. **Considerações didáticas no emprego do método de trabalho independente para o sucesso na aprendizagem dos estudantes na escola superior pedagógica da Lunda Norte.** 2019. Revista Atlante: Cuadernos de Education y Desarrollo. Disponível em: <<https://www.eumed.net/rev/atlante/index.html>> Acesso aos 30 de Dezembro de 2019.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 2003. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA.
- NAUEGE, J. M. **Aquisição da Competência Lexical na Aprendizagem do Português Língua Segunda \_ Especificidades do aluno angolano.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. 2015. Lisboa: FSCH.
- NEVES, F. **Conjugação.** 2020. Disponível em <<https://www.conjugacao.com.br/classificacao-dos-verbos>> Acesso aos 19 de Março de 2020.
- OLIVEIRA, A. D., BOTELHO, A. P., LAMAS, E. P., GOMES, J. A., BRANCO, M. d., MORAIS, M. F., et al. **Dicionário de Metalinguagens da Didáctica.** 2000. Porto-Portugal: Porto Editora, Lda.
- OLIVEIRA, V. M. **Processos de expansão semântica em predicções com o verbo ir.** 2010. São Paulo: Estudos linguísticos .
- PILLETI, C. **Didáctica Geral.** 2004. São Paulo: Ática.
- PINTO, J. M., & LOPES, M. d. **Gramática de Português Moderno.** 2011. Lisboa: Plátano Editora.
- REPÚBLICA DE ANGOLA. **Decreto Presidencial nº 5/19 de 8 de Janeiro**, aprova o Regulamento Geral de Acesso ao Ensino Superior.
- SEVERO, R. T. **Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste** .2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12821375/L%C3%ADngua\\_e\\_linguagem\\_como\\_organizadoras\\_do\\_pensamento\\_em\\_Saussure\\_e\\_Benveniste\\_Langue\\_and\\_langage\\_as\\_thought\\_organizers\\_in\\_Saussure\\_e\\_Benveniste](https://www.academia.edu/12821375/L%C3%ADngua_e_linguagem_como_organizadoras_do_pensamento_em_Saussure_e_Benveniste_Langue_and_langage_as_thought_organizers_in_Saussure_e_Benveniste)> Acesso aos 2 de Novembro de 2019.
- SILVA, E. a. **Gestão do Ensino Superior em Angola: Realidades, Tendências e Desafios - Rumo à Qualidade.** 2016. Luanda: Mayamba Editora.
- SILVA, J. B. **A Teoria de Aprendizagem Significativa de David Ausubel: uma análise das condições necessárias.** 2020. Ceará / Brasil: Research, Society and Development.
- SPINASSÉ, K. P. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** 2006. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/setordealemao/revista/revista.anteriores/vol1\\_11.2006/1\\_spinasse.pdf](http://www.ufrgs.br/setordealemao/revista/revista.anteriores/vol1_11.2006/1_spinasse.pdf)> Acesso aos 22 de Setembro de 2019.
- TEIXEIRA, E. B. **A Análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais.** 2003. Rio Grande do Norte: Editora Unijuí.
- TETA, J. S. **Educação Superior em Angola. Seminário Internacional Educação Superior na CPLP/PUCRS, (S/D).** Angola.
- UNDOLO, M. **A Norma do português em Angola: subsídios para o seu estudo.** 2016. ESP-Bengo.
- UNDOLO, M. **Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português.** 2020. Luanda: Editora ECO7.
- VICTORNO, S. C., YOBA, C. P., PANZO, I. J., & UNDOLO, M. **A Rainha Lueji A'Nkonde e o Império Lunda.** 2012. Dundo - Lunda Norte - Angola: Lueji.
- ZASSALA, C. **Orientação escolar e profissional em Angola.** 2005. Luanda - Angola: Edições Kulonga.

ZAU, F. **Do acto Educativo ao Exercício da Cidadania Volume II.** 2015. Luanda: Mayamba.  
[www.uln.ed.ao/Entidade/EPD](http://www.uln.ed.ao/Entidade/EPD). Acesso aos 25 de Fevereiro de 2020.

## Anexos 1



UNIVERSIDADE LUEJI A'NKONDE  
 ESCOLA SUPERIOR PEDAGÓGICA DA LUNDA NORTE  
 DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS

EXAME DE ACESSO DO CURSO DE NÃO ESPECIALIDADE/ REGULAR

### ESPELHO, ESPELHO MEU...

A Joana disse: se quiseres, podes convidar um amigo...

Bolas. Vi-me ao espelho. Tenho uma cara horrível, com sardas, olhos grandes, uma boca que não parece nada, um cabelo que não é como o da Filipa, lindo, aos caracóis, é escorrido, como o do meu pai... Sou feia, farsa, foca, funil, funâmbula - adoro esta última: funâmbula. Aprendi-a recentemente num dicionário. E ainda por cima não tenho peito, sou um projecto de uma coisa que não vai chegar a lado nenhum.

Acho que se pedisse ao André... será que ele iria comigo? É tão chato ir sem ninguém ao lado. A Joana, e a Joana é a mais quadrada das mulheres redondas deste planeta, que tem seis continentes, a Joana é o sexto, a Joana, até a Joana tem um namorado, agora por acaso é *skinhead*, mas já foi outras coisas. É repelente, completamente estúpido, usa cruces suásticas nos braços e na cabeça, e botas da tropa, e tudo isso, mas a Joana diz que ele gosta dela, e a Joana não quer gostar de ninguém, é como a maior parte de nós, quer só que alguém goste dela e ponto.

E ponto. Telefonei ao André. Ele disse eu vou, em voz fraca, se calhar para que ninguém lá em casa perceba até ele resolver as coisas, mas disse que sim... ao contrário de todas as previsões.

Alexandre Honrado, *Sentados no Silêncio*, 1.ª ed., Ed. AMBAR, 2000. In Manual de Língua Portuguesa, 10.ª classe.

### I. EXPLORAÇÃO IDEOLÓGICA DO TEXTO

1. O retrato que a autora faz de si mesma é físico ou psicológico? Justifica a sua escolha com base no texto.
2. Qual dos seguintes adjectivos melhor caracteriza a atitude da narradora no texto: ambiciosa, insegura, dura, realista, insensível.
3. Que sentimento exprime a interjeição que antecede o auto-retrato?

4. *A Joana, e a Joana é a mais quadrada das mulheres redondas deste planeta, que tem seis continentes, a Joana é o sexto (...)*
  - 4.1. A narradora, ao fazer o retrato da Joana, utiliza-se de dois recursos expressivos principais. Quais são?
  - 4.2. Quais são?

## II. FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Reescreve o último parágrafo do texto no plural.
2. Como se chama, em termos do processo de enriquecimento lexical, o vocábulo *skinhead* presente no texto?
3. Conjuga o verbo *Ir* no presente do indicativo.
4. *Aprendi-a recentemente num dicionário.*
  - 4.1. Faz a análise morfológica.
  - 4.2. Faz a análise sintática.

## III. OFICINA DE ESCRITA

1. Sirva-se de 15 linhas para falar sobre a importância da cultura na sociedade.

## Anexo 2



**Universidade Lueji A'nkonde  
Escola Superior Pedagógica do Dundo  
Comissão Científica de Mestrado em Educação ULAN**

### Guião de observação das provas dos candidatos à EPD/2019.

O presente questionário faz referência a colecta de dados da dissertação de mestrado com o tema: **Um olhar sobre ensino da LP em Angola: reflexões acerca da conjugação verbal nas provas dos candidatos aos cursos da EPD/2019.**

1. Curso a concorrer na EPD:
  - a) LP \_\_\_\_\_
  - b) Biologia \_\_\_\_\_
  - c) Ensino Primário \_\_\_\_\_
  - d) Ensino de Física \_\_\_\_\_
  - e) Ensino de Matemática \_\_\_\_\_
2. Conjugação verbal:
  - a) Com hífen (-) \_\_\_\_\_
  - b) Com seta (→) \_\_\_\_\_
  - c) Com dois pontos (:) \_\_\_\_\_
  - d) Com sinal de igualdade (=) \_\_\_\_\_
  - e) Sem separador \_\_\_\_\_
3. Uso do pronome pessoal **vós**:
  - a) Escreveu “vós” e conjugou o verbo desviadamente \_\_\_\_\_
  - b) Escreveu “vós”, mas não conjugou o verbo \_\_\_\_\_
  - c) Não escreveu “vós” nem conjugou o verbo \_\_\_\_\_
  - d) Escreveu “vós” e conjugou sem desvio \_\_\_\_\_

### Anexo 3



**Universidade Lueji A'nkonde  
Escola Superior Pedagógica do Dundo  
Comissão Científica de Mestrado em Educação ULAN**

#### Questionário Dirigido ao DAAC da EPD

O presente questionário faz referência a colecta de dados da dissertação de mestrado com o tema: **Um olhar sobre ensino da LP em Angola: reflexões acerca da conjugação verbal nas provas dos candidatos aos cursos da EPD/2019.**

1. Número total dos candidatos inscritos em todos os cursos/2019: \_\_\_\_\_
2. Marque X ao género com mais estudantes.
  - a) Masculino \_\_\_\_\_
  - b) Feminino \_\_\_\_\_
3. Distribuição das idades dos candidatos: marque X na alternativa correcta:
 

a) De 18 a 30 _____	e) De 19 a 30 _____
b) De 18 a 40 _____	f) De 19 a 40 _____
c) De 18 a 50 _____	g) De 19 a 50 _____
d) De 18 a 55 _____	h) De 19 a 55 _____
4. Marque X nos cursos em que foram disponibilizadas vagas para ingresso no ano académico de 2019:
 

f) Ensino da LP _____	f) Ensino Pré-Escolar _____
g) Ensino Especial _____	g) Ensino de Biologia _____
h) Ensino Primário _____	h) Ensino de francês _____
i) Ensino de inglês _____	i) Ensino de Física _____
j) Ensino de Matemática _____	j) Ensino de química _____
5. Quais são as escolas de procedência dos candidatos?
  - a. Escreva o nome tendo em conta o nº de candidatos fornecidos por cada escola.
    - a) \_\_\_\_\_
    - b) \_\_\_\_\_
    - c) \_\_\_\_\_
    - d) \_\_\_\_\_
    - e) \_\_\_\_\_
    - f) \_\_\_\_\_
    - g) \_\_\_\_\_

*Muito obrigado!*

Anexo 4<sup>15</sup>

P2

Folha de Presença Avaliação Contínua

Língua Portuguesa I

Curso: Ensino Primário 2019 - EP12N

Docente: J. Silva Data: 14/06/19 às \_\_\_\_\_

N.º Aluno	Nome	Assinatura
190285		13
190384		2,75
190377		9,75
180496		2,5
190297		12,5
190405		11,5
190520		3,5
190448		1,25
190289		3,5
190481		4,75
190342		1,25
190512		8
190324		1
190395		1,25
190344		0,75
190419		0,75
190314		7,25
190331		0,5
190515		0
190333		0
190510		0,75
190465		2,25
190466		6,75
190479		0
190312		1,75

Docente

14/06/2019 N.º de alunos: 29 1 de 4

<sup>15</sup> Por questões de ética, eliminámos a identificação dos estudantes.

Folha de Presença		Avaliação Contínua	
Língua Portuguesa I			
Curso: Ensino Primário		2019 - EP12N	
Docente: 		Data: 19, 06 19 às _____	
N.º Aluno	Nome		Assinatura
190425		1,5	
190365		2,25	
190341		16,25	
190308		13,5	
190309		2,5	
190357		11,5	
190338		1,75	
190431		10,5	
190517		5	
190396		17,25	
190354		7	
190389		7,5	
190370		5	
190712		0	
190379		10,25	
190355		11,25	
190280		9,5	
190287		0,75	
190437		5,75	
190516		9,75	
190461		0	
190393		2,5	
190394		2	
190313		12,75	
190298		7,5	
			

## Língua Portuguesa I

Curso: Ensino Primário

2019 - EP12N

Docente: \_\_\_\_\_

Data:

14, 06, 19

de

de

N.º Aluno	Nome	Assinatura
190495		8
190470		12,5
190531		0,75
190511		1,5
190325		9,25
190397		2,75
190305		15,75
190387		5
190348		2,25
190407		6,5
190436		0
190367		6,25
190306		4,5
190415		2,5
190420		7,75
190496		6
190361		2,5
190471		4,75
190303		2,75
190442		2,25
170669		2,5
190315		4,5
190457		2,5
190493		8
190451		0,75

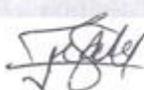
Docente

Língua Portuguesa I

Curso: Ensino Primário

2019 - EP12N

Docente: \_\_\_\_\_



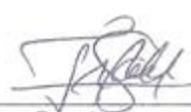
Data: 14/06/19

às \_\_\_\_\_

N.º Aluno	Nome	Assinatura
190463		15,75
190472		5
190459		2,5
190310		15
190406		13,5
190447		1,25
190300		10,5
190513		2,25
190326		9,75
190375		8,5
190438		6,75
190506		
170190		
190380		10,5
		<del>3,25</del>
		<del>2</del>

u v

 Total de faltas: \_\_\_\_\_

  
Docente

Folha de Presença  
Língua Portuguesa II

Avaliação Contínua

Curso: Ensino de Física

2019 - EF21T

Docente:

*[Handwritten Signature]*

Data: 26/04/2019

às

N.º Aluno	Nome	Assinatura
180503		<u>7,25</u>
180035		<u>          </u>
180619		<u>5,5</u>
180561		<u>6,5</u>
180174		<u>          </u>
160302		<u>ina</u>
170181		<u>          </u>
180056		<u>          </u>
170496		<u>4,75</u>
170624		<u>          </u>
180128		<u>          </u>
180577		<u>11</u>
170050		<u>3</u>
160309		<u>          </u>
160308		<u>5</u>
180535		<u>5,75</u>
112230		<u>          </u>
112234		<u>Manoel</u>
160316		<u>3,5</u>
160319		<u>          </u>
160320		<u>          </u>
180151		<u>4,5</u>
153354		<u>          </u>



*[Handwritten Signature]*  
Docente

## Língua Portuguesa II

Curso: Ensino de Física

2019 - EF21T

Docente:

Data: 26/04/2019

às

N.º Aluno	Nome	Assinatura
170430		
170599		5
160324		2,5
170260		4
180225		10,5
131569		
180082		7,5
160716		6,5
180198		9,5
160327		4,5
180277		9,75
153389		
170000		5,5
131571		
180136		5
180030		6,5
180280		11,75
180550		5,5
180586		5,5
180108		
170161		8
		16,5
180019		13
180285		4,5
180284		6

Docente

## Língua Portuguesa II

Curso: Ensino de Física

2019 - EF21T

Docente: \_\_\_\_\_

Data: 26/04/2019 \_\_\_\_\_ às \_\_\_\_\_

N.º Aluno	Nome	Assinatura
180002		7,5
180163		2
180171		8
101786		5,25
170406		1
180018		



Total de faltas: \_\_\_\_\_

  
 Docente

Folha de Presença ✓ Avaliação Contínua  
**Língua Portuguesa I**

Curso: Ensino Primário

2019 - EP12N

Docente: \_\_\_\_\_



Data: 01/11/2019

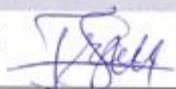
às \_\_\_\_\_

↳ Outras avaliações

N.º Aluno	Nome	Assinatura
190384		0,5 4
190377		3 7,5
180496		6
190297		15,25
190405		3 13,5
190520		3,5 5 (43,5)
190481		9
190342		2 3,75
190395		1,5
190419		3 5
190314		0,5 3,5
190331		0,5 8,5
190515		6,5
190333		0,5 5
190510		
190465		3,5
190466		2,5 11,5
190479		0,5 3
190312		2 4
190341		3 10
190308		3 9,5
190309		7
190357		10,5
190431		8,5
190517		3 10




Docente

Folha de Presença		Avaliação Contínua
Língua Portuguesa I		
Curso: Ensino Primário		2019 - EP12N
Docente: _____		Data: 01/11/2019 _____ às _____
N.º Aluno	Nome	Assinatura
190396		4 18
190389		3 6
190370		3
190379		0,5 9,5
190355		2 12,5
190280		0,5 8
190516		3 7
190461		2 4
190394		
190313		3 12
190298		10
190470		3 10,5
190531		3
190511		3 2,5
190325		3 7
190397		0,5 12,25
190305		0,5 14,5
190387		3 10
190348		0,5 2
190407		10,5
190367		0,5 1,5
190306		3 8,5
190415		2
190420		0,5 5
190471		7,5
		 Docente

Língua Portuguesa I

Curso: Ensino Primário

2019 - EP12N

Docente: \_\_\_\_\_



Data: 01/11/2019

às \_\_\_\_\_

N.º Aluno	Nome	Assinatura
190303		0,5 10,5
190442		0,5 3,5
170669		9
190457		0,5 14
190493		0,5 9
190451		0,5 3,5
190472		1,5 4
190310		0,5 7,5
190406		3,5 12,5
190447		1 4
190441		3 9,5
190513		4,5
190375		2,5
190438		0,5 2,5
190506		3 11,5
170190		
190380		3

FP3

7,5  
10  
7  
1,5



Total de faltas: \_\_\_\_\_



Docente